



PARA TODOS...

ANNO XIII • Nº 659 •
1º AGOSTO • 1931 • PREÇO: 1000



AS TINTAS PARA CABELOS E AL- GUNS CONSELHOS POR A. DORET

Háran são as tintas para cabelos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inofensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabelo a cor de vinho tinto, bastante desagradável aos olhos; esta é preta demais, resaca o cabelo, alisa o que é ondulado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá a fisionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta anos de experiência, de estudos, de aplicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabeleireiro, em qualquer país que fosse, quer na Europa ou na America, atingiu o grau de perfeição ao da casa Doret, tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que atestariam a superioridade de meus métodos de tingir os cabelos, garantindo a inocuidade absoluta de meus produtos. As pessoas que não possuem vir ao meu estabelecimento, às pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de preto; e melhor acastanhá-los que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais fácil, mais higiênico.

Recomendo a todos o flúido Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este produto é dez vezes menos forte que a água oxigenada, não queima os cabelos e é um excelente desinfetante.

Para recoloração do cabelo empregai o meu Henné para Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de aplicação, para o bronzeado 12 hora, para acastanho escuro, uma hora e meia.

As pessoas que quiserem escurecer os cabelos para castanho escuro devem empregar o Tonico Doret n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom éxito. A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparáveis para a beleza da pele e cabeleira, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Missimplis, Solna de Beaute.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro



CHEGOU A FICAR COMPLETAMENTE CEGO



Ilmo. Srs. V. Silva e Filho.

Amigos e Senhores — Deprimido com uns espantosos reclusões, no jornal O Dever, de Bagé, de outros preparados congêneres, juro-vos que fiquei comovido extraordinariamente, por me não ter manifestado até a presente data em favor da humanidade.

JURO-VOS FERRANTE DEUS E A MINHA CONSCIENCIA, o que passo-vos a relatar.

Em 27 de Dezembro de 1912 adoeci sem ter conhecimento do meu mal; consultei aos médicos e disseram ser syphilis. Desde esse momento principiaram os meus martyrios, apparecendo-me verrucos,

ulceras, Acnarrhoides sangrentas, paralyse, polipitações, estado nervoso ao extremo, fustio incessante, dormir impossível, dor de cabeça durante 20 dias e noites, amargura na bocca, esquecimento completo, magreza extrema, potencia nenhuma, enfim, um ENTE DESGUAÇADO!!!

Em 29 de Janeiro de 1914, tomei mercenário, todoreto, comentários e Amocogathia, até 5 de Junho de 1914, no mesmo dia tomei uma injeção inteira de 606, agravaram-se os meus padecimentos, atacando-me a visão, FIQUEI COMPLETAMENTE CEGO; o meu coração palpitava desordenadamente.

Consultei novamente e deram-me 295 injeções de diversos medicamentos estrangetros, melhorando pouca coisa. Sempre mal, resolvi de qualquer forma SUICIDAR-ME!!! O meu empregado Salvador Dingo, candelado de meu soffrer, pediu-me que tomasse o ELIXIR DE NOGUEIRA, não dei importância; continuando mal, resolvi tomá-lo por um descargo de consciencia e para ver se podia, pelo menos dormir... o qual suplantou as injeções e depurativos acima ditas. Em 19 de Julho de 1915, comeci a usar o ELIXIR DE NOGUEIRA, e meu peso, que era de 32 kilos subiu a 75 kilos a 1 de Agosto de 1917 e disposto a attender meus affazeres, forte, possante e curado radicalmente. BEMDITO SEJAS O EXTRAORDINARIO BEMFEITOR DA HUMANIDADE Jado da Silva Silveira. — Pompilio Ortiz. — Bagé — Rio Grande do Sul — 30 de Outubro de 1917. — Rua Bento Gonçalves, 14 — Fabrica de Tamancos, Chinillos e Sapatinhas.

Todas As Senhoras São Interessadas ... E' UMA REVISTA PARA O LAR

A Mais Elegante — A Mais Completa
A Mais Moderna — A Mais Preciosa

Collaborada Pelos Grandes Creadores
Da Moda Parisiense

MODA E BORDADO FIGURINO MENSAL

Ensinaamentos completos sobre trabalhos de agulha e a machina, com desenhos em tamanho de execução. Os mais apreciados trabalhos de bordados. Mais de 100 modelos em cores variadas de vestidos de facil execução. Vestidos de noiva, de baile, passeio, luto e casa. Gostumes e casacos. Roupas brancas. Roupas de interior. Lindos modelos de roupas para creanças. Conselhos sobre belleza, esthetica e elegancia. Receitas de deliciosos doces e de finos pratos economicos. Vendido em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil

PEDIDOS DO INTERIOR:

Snr. Gerente de «Moda e Bordado» Caixa Postal 880

RIO

Envio-lhe { 35000 para receber 1 numero
165000 . . . durante 6 meses
305000 12 .

NOME

End.

Cid.

Est.

PARA TODOS...

Grafologia

AVISO

Temos inutilizado inúmeras cartas, umas escritas em papel pautado, outras não assinadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e ditem de enviar outros pedidos regularmente assinados em papel liso. O pseudônimo só é permitido para respostas.

MELISINDE (Rio) — Estive fora, razão por que recebi sua carta atrasada. Quando ler estas linhas já terei respondido... oralmente pelo telefone.

TRISTEZA PERSONIFICADA (São Paulo) — Não adiantou ter escrito em papel sem pauta, pois traçou linhas horizontais a lapis que depois pretendeu apagar. Entretanto, a pluma resistiu ao obliterator de borracha deixando sinais bem visíveis. Escreva em papel branco sem pauta já feita a tinta nem a lapis como fez. Não é tão fácil, como pensa, enganar um velho grafólogo...

LINAH (Rio Grande) — Letra de pessoa amável, franca, muito emotiva, delicada, com grande dose de amor próprio e suscetibilidade bastante "melindrável" por qualquer coisa. Sente desejos de se expandir, de confiar a alguém seus pensamentos e no momento de escrever estava sob a pressão de uma preocupação qualquer que a fazia triste, pensativa, melancólica... Nervosismo, superexcitação.

SILVIO S. OUTEIRO (Batatais) — As respostas às consultas feitas são dadas aqui mesmo nesta seção onde vai a sua. Denota generosidade, idéas nobres e elevadas a sua grafia onde se

LAVOLHO



Terá Olhos Como Estes

Se os banhar com LAVOLHO. Olhos bellos são olhos limpos. Um collyrio apropriado preserva a saúde das membranas internas e impede o envelhecimento dos olhos. Já fez alguma vez a lavagem antiseptica dos olhos? Experimente o LAVOLHO e verá o seu novo aspecto e como elles se sentem.

FANDORINE

contra as doenças das senhoras

80 % das senhoras
não vivem satisfeitas
com a sua saúde

Hemorragias
Metrites
Obesidade
Fibromas



Toda mulher deve fazer, cada mez, um tratamento de Fandorine para garantir a sua saúde contra perturbações que a possam affectar e ter regras não dolorosas.

Dr. CHATELAIN
2, R. de Valenciennes, Paris
e em todas as Pharmacias

A FANDORINE liberta a mulher do seu mau estar.

Depositaros exclusivos no Brasil:

ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, 27 — Rio

Dr. Olney J. Passos

OPERAÇÕES — PARTOS

Molestias de senhoras — Diatermia — Ultra Violeta — Diatermo-coagulação. Das 3 em diante.

Rua S. José, 19. — Tels.: 3-0702.
Res. 8-5013.

vê também um pouco de orgulho. O traço com que firma seu nome de família mostra personalidade bem marcada. Falta-lhe um pouco do senso da medida. E' exuberante, prodigo, mesmo, com alguma sequencia nas idéas e poder de logica.

EDUARDO VII (Andaraí) — Espirito metuculoso, calmo, amigo dos detalhes e das minucias, mediodre, economico. Certa curiosidade e reserva, um pouco de presunção e falsa modestia. Amigo do estudo, envergonhando-se quando não sabe responder com acerto a qualquer questão que lhe proponham.

Atencioso, delicado, amavel, tendo na sua assinatura sinais que indicam gostar do misterio, das situações complicadas, embaraçosas...

KIKI (Cidade do Salvador) — Letra miudinha e arredondada, mostrando economia, bondade, doçura, gentileza. Ha mais outros sinais de inconstancia, fantasia, sentimento artistico, pendor literario.

Amiga da ordem, é reservada nos seus juizos e bastante nervosa, controlando, entretanto, as manifestações exteriores do seu nervosismo. Trabalhadora e em extremo delicada.

RABINDRANATH TAGORE (Muzambinho) — Alma de poeta, sonhadora e mistica, vivendo em um mundo á parte, cheio de miragens e fanta-

sias da sua fertil imaginação. Tem altas aspirações, ambição de gloria, alegria de viver, iniciativa propria. Tudo isso é ainda mesclado de um certo orgulho natural. E' franca e o modo de grafar o til dá idéa de bastante independencia de caráter.

LALÁ (Rio) — E' uma creatura leal, franca, decidida, muito senhora de si mesma, com opinião formada a respeito do que a cerca e dotada de

ASTHMA

O Remedio Reyngate para o tratamento radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites, Catarrhaes, Tosses rebeldes, Cansaço, Chiados do Peito, Suffocações, é um MEDICAMENTO de valor, composto exclusivamente de vegetaes.

E' liquido e tomam-se trinta gotas em agua assucarada, pela manhã, ao meio-dia e á noite, ao deitar-se. VIDE os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas principais PHARMACIAS, DROGARIAS e PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de um vidro 128; pelo Correio registrado, 158000. Envia-se para qualquer parte do Brasil mediante a remessa da Importancia em carta com o VALOR DECLARADO ao Agente Geral J. DE CARVALHO — Caixa Postal n. 1724 — Rio de Janeiro.

GRANDE DEPOSITO DE HARMONICAS
S/A. M. DALLAPÉ & FILHO
Stradella - (Italia)



Harmonicas de luxo. Grande marca universal. Ultra elegantes.

PEÇAM CATALÓGOS AO CON-
SOMADOR EXCLUSIVO NO BRASIL

João Sartorello
(Est. de S. Paulo) SÃO JOÃO DA BOA VISTA

LINHA MOGYANA

Concurso de Contos do PARA TODOS...

O Concurso de Contos do "Para todos..."
será encerrado no dia 29 de Agosto definiti-
vamente. Depois dessa data não mais rece-
beremos qualquer original.

Moda e Bordado

NUMERO DE AGOSTO A' VENDA



ANTES DEPOIS

Resultado obtido pelo uso das **PILULES ORIENTALES**

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o N.º 87 em 26-6-1917)

Exigir o frasco de origem sobre o qual
devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, Pharmacien
45, Rue de l'Echiquier, PARIS

A venda em todas as Pharmacias.

bastante energia, força de vontade e perseverança que pode parecer tel-mosia. Nunca se arrepende do que faz, e se acontece, raramente, isso não o demonstra a ninguém. Tem grande poder de logica e concatenação de idéas, sendo amiga das comodidades, do proprio luxo, mesmo.

RIO APA (Rio) — Interessante sua carta de agradecimentos cujo recebimento já devia ter acusado, porém outras respostas de mais urgencia demoraram as linhas que ora lhe endereço. Antes tarde do que nunca... Contindo aqui ao seu dispor... para futuros estudos grafologicos.

RICARDINA (Rio de Janeiro) — As duas linhas que mandou são escasso material para um estudo. Entretanto vê-se temperamento volúvel, indeciso, um tanto impulsivo e... revolucionario. Gestos autoritarios, volupia de ordenar e ser obedecida sem observações nem restrições. Certa displicencia quanto ao modo por que poderá ser julgada sua conduta.

RICARDO (Rio de Janeiro) — Mesma deficiencia de material para estudo, notada na consulente anterior. Vê-se, entretanto, futilidade, bastante inconstancia, hipocrisia mesmo, não parecendo ser da mesma pessoa as duas assinaturas enviadas. Qual das duas é a verdadeira? Talvez nenhuma delas. Espirito fatuo, convencido de imaginaria superioridade.

TRISTÃO DE ISOLDA

OLYMPIO MATHEUS

ADVOGADO

RUA DO ROSARIO, 85 - 1º and.

TELEFONE: 2-4084



DENTE escuro, desviado, abala-
do, piorrhéa, fistula,
geog. sangrenta, cura certa; exa-
me gratis. T. 2-0360, 7 de Se-
tembro, 94, 3º. D. R. Silva.

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos
partos difficeis e laboriosos

A parturiente que fizer uso do
alludido medicamento durante o
último mez de gravidez terá um
parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam
exuberantemente sua efficacia e
muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as
pharmacias e drogarias.

Deposito geral:

ARAÚJO FREITAS & CIA.

RIO DE JANEIRO

A JUVENTUDE ALEXANDRE é, sem favor, o mais poderoso tonico para os cabellos; com o seu emprego elles tornam-se bellos e adquirem o viço primitivo. Cada vidro custa apenas 4\$000 e pelo correio mais 2\$400. A' venda em todas as pharmacias e na Casa Alexandre, á Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

PARA TODOS...

DRAMA DAQUELLA NOITE

PO
EPICTETO FONTE

SÓZINHA, no silêncio da noite, lías, com embevecimento, os versos encharcados de pranto do teu Verlaine. Uma das mais doces impressões da vida é, no gasalho carinhoso e calmo do lar, ouvir a tragédia de um coração distante, que desmaiou de angústia entre brancas mãos de mulheres e paisagens brancas de neve e cujos sons chegam ainda até nós através de rimas eternas, como notas de um violino de sonho.

Les sanglots longs,
Des violons
Dans l'automne,
Blessent mon cœur
D'une langueur
Monotone...

Lias... Pela janela aberta espiavam-te as trepadeiras em flor e se desenhava um retângulo negro a calma estrelada da noite. Lias... E no teu claro peito, comovido, batia docemente o coração. Não te perturbavam o enleio os ruídos exteriores. Em torno a aragem branda fazia ondular as cortinas de renda; em ti, a emoção fazia-te arfar o corpete de gaza:

Ouvre ton âme et ton oreille au son
De ma mandoline...

Pela janela aberta penetrou o aroma do teu quarto, borboleteando às tontas, uma estranha e dóida mariposa. Viera de longe, desgarrada e trêmula, namorando os lumes dos pirilâmpas, os reflexos palidos do rio e as lam-

padas pequeninas das estrelas altas... Filha humilde da noite, trazia uma alma sequiosa de luz e o corpo coberto de cinza côm de folha morta. Depois de revoltear perdidamente em tôrnos teus olhos, arremeteu às cegas de encontro às franjas de oiro de teu "abajur", onde moram passaros e dragões de prata, dansou-lhe em torno uma dança de vô e morte e veio afinal cair, assustada e atordoada, na página do teu livro, arfando de cansaço, com dois olhitos negros e redondos como dois pingos minúsculos de tinta. As suas patitas gordas de cinza mal sustentavam o tremito das asas partidas como dois mantos rasgados de uma só mendiga. E toda ella palpitava, estremeia namorando-te, deslumbrada, apagada, sombria, miseravel e rôta.

Sim! Era verdade! Dentro da noite estrelada havia pois, no universo alguma coisa mais bela do que a luz? mais atraente, mais fascinante do que a luz?

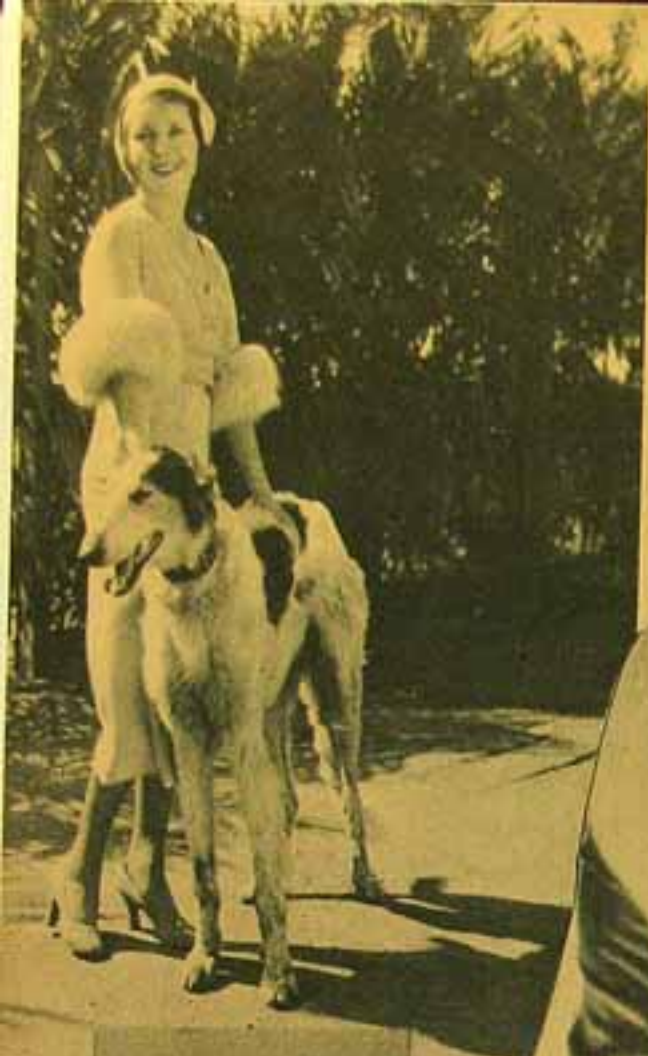
Oh! o encanto, o espanto da nímfula deante de tua imagem!

Foi quando te aborreceste daquela adoração e tua mão côm de rosa sôbre ela abateu de subito e na página lírica ficou apenas uma mancha de cinza ensanguentada.

Desde aquela noite, venho a pensar, sem querer, no drama da mariposa morta e no trágico destino de uns lábios trêmulos de amor...

São Paulo,





Frances
Dee
e
o
seu
cachorro



Lupe
Velez

INEMA



GRETA
GARBO

GENEVIEVE



Juliette
Compton

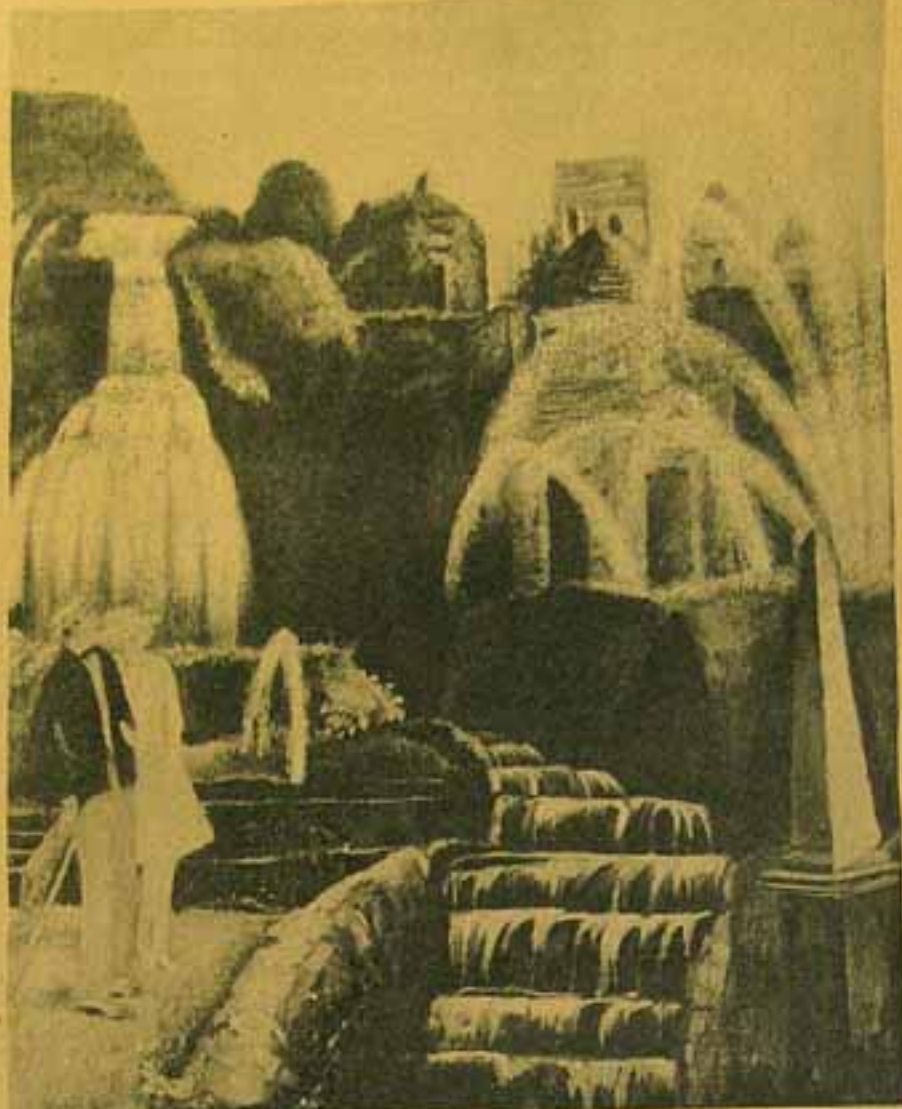
TOBIN



Exposição Portinari, neste melancólico fim de mez, veio acordar mais uma vez as modernas correntes estéticas conduzidas aqui e ali por espíritos agéis e vigorosos ou exploradas por alguns cabotinos sem expressão no domínio das artes plásticas. Não discutiremos as telas de Portinari. A arte moderna aboliu análise das sombras, a metafísica dos tons, oferecendo a inteligência universal outras sensações de alegria e de beleza, até há pouco ignoradas. O que importa saber é a energia creadora de Portinari, o seu conceito social da pintura, a amplitude das suas faculdade imaginativas, a sua consciência comica. Portinari conciliou o arrojo de formas com a simplicidade de linhas. Deixemos a sua tecnica para os explicadores particulares de geometria. No ambiente morno em que se definem os nossos problemas de arte, na selva obscura em que se debatem as graves questões psicologicas da nacionalidade — a tristeza brasileira, a indisciplina brasileira, a organização brasileira — a unica saída logica é ainda a espiritualidade da cultura, a marcha do nosso pensamento através das equisções da ciencia e da arte. A ciencia investiga, procura deslumbrar o mundo com as suas conquistas quasi milagrosas, enquanto a arte se força em mostrar o desencanto do passado, com os seus dogmas e os seus canones estruturalmente iguais.

Camille Maclair, tratando da crise da arte, disse que a pintura actual é uma duente, uma angustiada, por-

que nossa epoca, votada á ciencia e á industria, satisfaz os desejos mais delicados pela ceramica, pela vidraria, pelas joias, pelos tecidos e pelas multiplas apresentações dessa electricidade que renovou a epoca com os costumes. Fôra impossivel conciliar o severo, rude humanismo de Maclair com imaginação dos pintores, escultores, músicos, poetas e architectos que não conheceram os "seculos de alta criação, o impulso da fé religiosa ou o orgulho de fixar os fatos da história". Ele reconhece que os assuntos diminuem com as telas e as consciências, mas não admite o enfado de reproduzir a natureza nem a "pintura dos estados de sub-consciência e redução da natureza a alguns esquemas". O espirito moderno não pôde reconhecer a anarquia das artes plasticas e esperar que o caos actual se reconstitua. Cabe-lhe um papel ativo, vigilante,



Villa d'Este (Tivoli, Roma) — Quadro de Annita Maefatti

PINTURA

O MODERNISMO DE PORTINARI

nessa epoca de doutrinas extremadas. Pintura não significava luxo. O canto de rebelião dos mineiros de New Castle e a miséria heroica dos bufarinheiros do Oriente respondem a um largo periodo de especulação artistica. Camille Maclair desconfia demasiado dos recursos das forças da arte moderna, que reputa exausta, confusa, desequilibrada, chegando a acentuar que a pintura, outrora esplendida, vegeta numa direcção falsa, vazia de substancia intelectual, e, desconsiderada por uma exploração clinica, definha e volve ao balbucimento da pseudo ingenuidade. Todavia, Cézanne não viveu a epoca do conde Orgaz nem assistiu á festa de sangue e liberdade da Revolução Francesa. Tão brutais e vulgares se apresentam, aos defensores do passado, as obras de Matisse como terrivelmente academicas, polares, iguais se patenteiam aos olhos contemporaneos as telas vedadas em Montparnasse.

Os mais graves estetas europeus mostram que a criação de uma nova arte, de uma nova beleza, a fixação dos principios de uma nova corrente não se conseguem senão através de laboriosas tentativas, de persistentes esforços, no decurso dos quais surge naturalmente uma produção aberrante, por vezes monstruosa, que re-

pugna á sensibilidade das maiorias, que está longe de representar aquisição definitiva no dominio da arte. Da poesia vem a ansia libertadora, um fremito de imagens novas, graciosas, ora ásperas e agressivas, ora doces e

ingenuas. Da arquitetura sobem linhas e volumes de impressionante naturalidade e disciplina. Da pintura se espraia um objectivismo forte, um colorido violento, que atordoa e avassala a burguesia academica. A obra de Candido Portinari deriva do tumulto creacionista, como todos os seus traços singulares de libertação, de "revivescencia cosmica, de renascimento sensorial, de ultra-concepçãoismo" e procura fustigar as investidas do isso mesmo, sacudir missangas e quinquilharias, abrindo os braços ás luzes douradas do tropico, onde a melodia dos planos se mistura ao clamor de barbarias imemoriais. Portinari não irrita. Devassa a verdade de hoje para conquistar a beleza de amanhã. Uma pintura indolente aceitou, por muitos anos, o formalismo dos velhos canones, o estilo coussa feita, repetição teimosa, para depois especular a floresta brasileira, improvisando (Termina no fim do numero)

DE FREITAS



Fluminense Foot-Ball Club



A sede da rua Alvaro Chaves

Dois grupos posados para "Para todos..." durante o grande baile que encerrou as festas de aniversário.



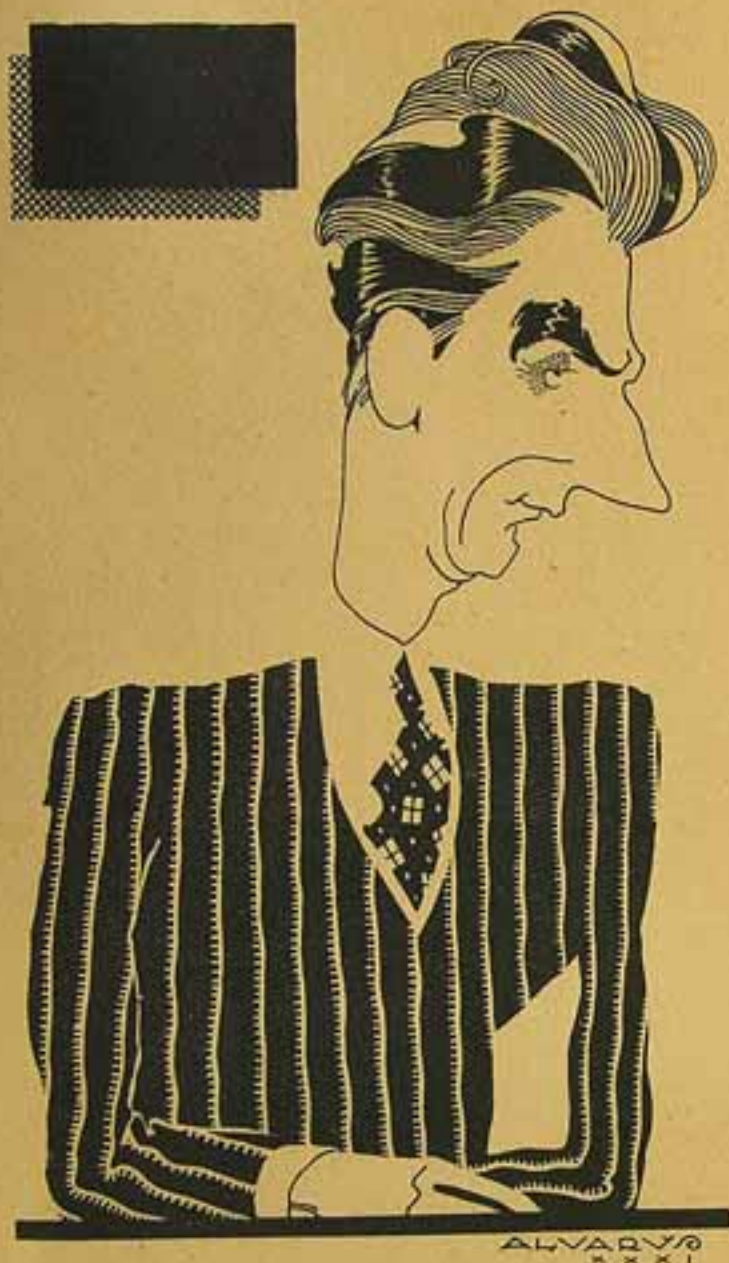


Chegada do
Dr. Lando de
Camargo ao
Palácio.

O NOVO INTERVENTOR DE SÃO PAULO

O Largo do Pa-
lácio quando
se empossava o
Interventor.





Dr. Anibal Barros Carrall, Diretor da Imprensa Nacional
(Caricatura de Alvarus).

Venus e Miss Pankurst

E tudo por causa daquele uniforme que me aproximou, arisca e perscrutadora, da notável senhora Allen, um tipo dominador, sagaz, erudito.

Quanta pena senti, diante deste caso concreto de masculinização,

mesmo. Tudo por causa do uniforme da comandante da polícia feminina inglesa. Eu sou feminista e você compreende que isto não é culpa minha. Desde pequena me incitaram a defender os meus direitos, a ambicionar os meus prêmios, a marcar e conquistar os meus alvos. E fui crescendo assim, um mixto de Venus e de miss. Pankurst; você, que descobriu o Brasil da afinidade de nossos temperamentos, tem feito o possível para

das mulheres nobres, inteligentes e boas, que resvalam pelas anfratuosas penedias do terceiro sexo! Foi por isso que voltei para o nosso doce e agrato campanário de amor, muda e humilde e encolhida ao lado de você, com receio, quase com pavor, de que algum dia miss. Pankurst também venha a destruir, dentro de mim, a Venus acentuadamente feminil.

Você venceu mesmo! E eu desempenho, satisfeita, as tarefas das vencidas. Ha corolas garridas nas jarras; os moveis sorriem, embevecidos, ao contacto das rendas; a brisa se introduz languidamente nos aposentos, através das cortinas brancas e leves... Além destas gratas e suaves ocupações, estou seriamente empenhada em compôr uma tese: — que o governo brasileiro, como no tempo de Ramsés II, ordene a morte das crianças do sexo feminino, que nascerem com a tara de miss. Pankurst mais acentuada do que a tara de Venus... E se acontecer escapar alguma pequenita de sexo irreconhecivel, qual novo Moisés salvo num cestinho, seja abandonada no deserto da recusa social, sem tenda, sem agua e sem maná...

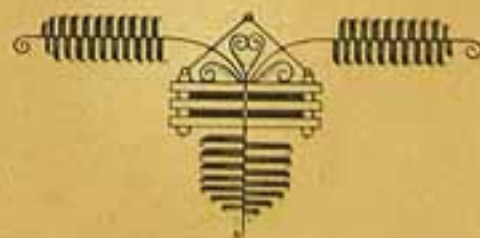
Else Mazza Nascimento Machado

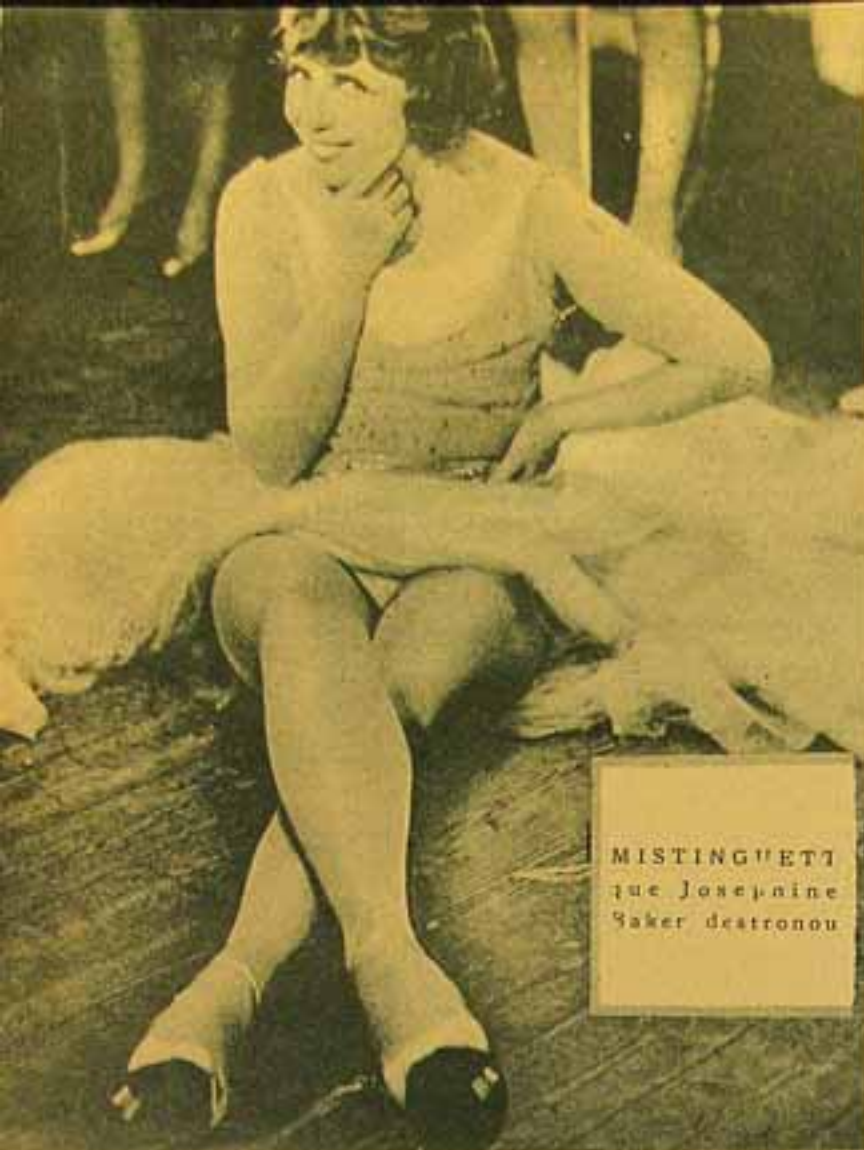
NESTA vez você ganhou mesmo. Foi uma vitória linda! E eu corri logo a cumprir os deveres das vencidas: as jarras estão de novo com flores; as toalhas de renda e crivo saíram das gavetas para as mesas e os toucadores; e as cortinas brancas e leves bambalham nos vãos das janelas abertas, como se fossem os sinos leves e brancos da esmida romanesca do nosso amor.

Todos os aspectos dentro de mim e fora de mim, indicam que desta vez você ganhou

amar esta Venus e condescender com esta exigente miss. Pankurst... Mas, de vez em quando, principalmente nas ocasiões de congressos feministas, a deusa famigerada do sufragismo inglês ousa ter predominio, em meu subconsciente, sobre a deusa romana que você e todos os homens tanto querem e cultuam.

Ousa apenas, porque a minha atitude de agora prova bem que Venus é ainda o substrato da individualidade da mulher moderna





MISTINGUETI
que Josephine
Baker destronou

CENA I

LISETE

(Só) (Lisete, os cabelos cortados, uma longa piteira entre os dedos, fuma languidamente. Na vitrola canta muito baixinho um tango triste. Ela acompanha, de vez em quando, a letra do tango.)

CENA II

LISETE e a CRIADA

(Batem à porta)

Lisete

Quem é?

Criada

(De fora) A criada.

Lisete

Avante.

Criada

(Entrando) Umás revistas para a senhora. Entregaram na portaria. Parece que tem um cartão.

Lisete

(Fazendo parar o disco)

Não sabe quem foi?

Criada

Não...

Lisete

(Abre as revistas e lê o cartão). "Para você não conjugar o verbo esquecer".

Criada

Bonito.

Lisete

Você acha?

Criada

Deve ser um moço muito fino. A senhora conhece?

Lisete

Mais ou menos...

Criada

Gosta dele?

Lisete

Depende da experiência...

Criada

Que maldade! Então, a senhora não tem coração...

Lisete

Não tenho mesmo. Sou uma domadora de corações... Sempre gostei de brincar com a paixão dos outros por mim...

Criada

Eu seria incapaz disso...

Lisete

Os homens são todos iguais, minha filha... Eu sou a vingadora de todas as mulheres que eles enganaram.

Criada

Por que vivo então o dia inteiro tocando tangos "à meia luz" tão baixinho?

Lisete

Porque eu gosto do tango...

Criada

E sente também?

Lisete

Também...

Criada

Não sabe que o tango é o hino oficial do amor? Que faz ter saudade? Que faz pensar num

amor que já existiu e que não volta mais?

Lisete

Sei...

Criada

Não sabe que o tango tem a atração das cousas tristes, dos amores que já morreram?

Lisete

Sei...

Criada

Quem vive assim, como a senhora, o dia todo pensativa diante de um disco a rodar, tem uma saudade que precisa deixar de ser saudade...

Lisete

(Dando três pancadinhas no dorso da piteira, num sorriso). Você é muito romântica, minha filha... Não creia nisso. E no amor também... Olhe bem para mim! — eu sou uma domadora de corações.

Criada

Quem rir por último rirá melhor... Dá licença que me retire?

Lisete

Toda... E traga um maço de "Camel".

Criada

Sim senhora. (Sai)

CENA III

LISETE

(Só) — Põe outro tango a tocar, acende um outro cigarro. Ha no seu rosto uma expressão de tristeza. Os olhos fundos, parados, fixam a fumaça do cigarro que baila em volta do abat-jour. Ha um silencio e uma pausa. Só se ouve, bem baixinho, a melodia do tango. Toca o telefone. Sem mexer o corpo, Lisete atende.)

Alô? Lisete... E' o Moacir? — Como vai você? — Recebi... O cartão também... Como dizia? — "Para você não conjugar o verbo esquecer"... Não o conjugarei, não... Você tem muita simpatia por mim?... Eu também... por você... Não acredita? Já, neste momento, não pode ser... Tenha paciência... As coisas mais gostosas são as mais demoradas... Menos o amor? Pois o amor é que é bom assim... E'... Bem demorado... — O meu tipo?... Alto,

magro e louro... Você é alto, forte, e moreno? Talvez se dê um jeito... — Como eu gosto de ser tratada? Com muito carinho... Sou uma piratinha, mas com muito carinho torno-me romântica... (Ri gostosamente). Acha então que eu dei a minha "pinta"? Quem sabe... Gosto de ajudar a quem me quer conquistar... Não... Não sou fácil, não... muito difícil até... E' preciso que o camarada faça um pouco de força, que sofra um bocadinho... A's vezes, estou gostando e dou a entender que não estou... — Ao Copacabana? — E' provável... Se dou esperanças? — Tenha um pouco de paciência. O seu amor é intenso? — Pois eu não creio mais no amor. Nunca soube o gosto que tem essa coisa... O amor torna a gente cretina... Ponha uma mulher fatal na vida de Mussolini e Mussolini baixará a cabeça... Não acredita? — Que é que hei de fazer? — Então, até logo... Um beijo? — Amanhã... (Desliga) (Tem atitude de preguiça. Acende um outro cigarro. Põe, alguém começa a assobiar "No te quero mas...". No rosto de Lisete ha então uma expressão de tristeza. O assobio continua.)

"No te quero mas

Ni te puedo ver

Me dedico a la garufa,

Y ya tengo otro querer"

(Ela fica como que tomada de uma grande saudade e, quando a quadra se repete, atira ao chão a piteira e exclama, com desespero:) Maldito tango!

CENA IV

LISETE e a CRIADA

Criada

(Entrando) Que é isto, dona Lisete? A sra. também está sofrendo da clássica dor? Olhe o seu cigarro...

Lisete

Não... Eu estava desapercebida com essa vitrola aqui do lado. O disco é sempre o mesmo, é do século passado: "No te quero mas... No te quero mas..."

Criada

E que recordações que ele traz, hein, dona Lisete?

AMOR

PEÇA
EM
7 QUADROS
DE

IBIRASIL
GERSON

PERSONAGENS

LISETE
MOACIR
O CORONEL
O HOMEM QUE FA-
LA SOZINHO ...
O GARÇON
A MENINA DO
CÉGO
O CÉGO DO VIOLI-
NO
A CRIADA
A OLHO DE GATO
O MALANDRO
A ESPANHOLA
A MULHER DE
VERDE
O CABARETIER
A MULHER DE
AZUL

(Podem ser incluídos na peça alguns números de variedade, desde que não prejudiquem os diálogos).

Lisete
Que recordações?
Criada
Aquele moço alto, do ano passado, que nunca mais voltou...
Lisete
E' para você ver: aquilo que a gente espera não vem...
Criada
O que vem é o que a gente não espera...

Lisete
Imagine agora a minha paciência para suportar esse outro que telefonou, esse que sabe dizer coisas bonitas só pelo telefone...

Criada
Telefonou de novo?
Lisete
Telefonou...
Criada
Dizendo o que?

Lisete
Perguntando se eu tinha recebido as revistas...
Criada
Mas que "gaffe", dona Lisete!

Lisete
Por que?
Criada
Se foi ele que mandou o presente, ele tinha que esperar o agradecimento da sra. pelo telefone... O dr. Guilherme disse que isto é um detalhe indispensável nos romances que se iniciam...

Lisete
Por aí você pode ver como ele está impressionado por mim: nem espera que eu agradeça.
Criada
Terá dinheiro?
Lisete
Parece que não... Se tives-

se, seria outra coisa...
Criada
Por que de gigolôs...
Lisete
Ah! De gigolôs eu sei o que devo fazer... (Como se fosse de proposito, a vitrola do lado começa de novo: "No te quero mas"...)
Criada

(Com um sorriso malicioso)
E' da vida, dona Lisete...
Lisete
Mas é insuportável! Está ouvindo: mudo-me hoje mesmo de quarto! Quero um que não tenha nenhuma vitrola perto!
Criada

(Num outro gesto malicioso, passando a mão pelo cotovelo) Console-se, dona Lisete! Mas como é gostosa! A sra. não acha?

Lisete
Não...
Criada
Confesse: é gostosa... Por que só a esperança de fazer as pazes de novo e de recomeçar com mais entusiasmo, só essa esperança, dona Lisete, é um colosso!...
(e fecha-se o velário)

SEGUNDO QUADRO

(O cenário representa o recanto de um cabaret, com perspectiva. O fundo deve ser transparente, para que se possa fazer aparecer silhuetas de bailarinas, freguesas, etc. etc. Terá pintado no próprio fundo um grande abat-jour. De um lado e de outro uma pequena fonte luminosa)

CENA V

O CORONEL e MOACIR

(O coronel está só, numa mesa. Entra a seguir Moacir)
Moacir
Meu caro coronel!
Coronel
Você também gosta de cabaret!
Moacir
Que seria do mundo sem o cabaret, Coronel?
Coronel
Mas isto hoje está morto. Não ha movimento.
Moacir
E' cedo, ainda... Ou a irise talvez...
Coronel
Como vai você da amores?
Moacir
O caso que me interessa agora, parece-se com uma peça de Pirandello, no segundo ato. Não sei qual será o desfecho...

Coronel
Você complica assim as mulheres?
Moacir
Eu acho que a mulher deixaria de ser fatal quando fosse lógica. Ela tem que ser uma reticência. Uma reticência que já foi ou que será um ponto de exclamação ou de interrogação...
Coronel

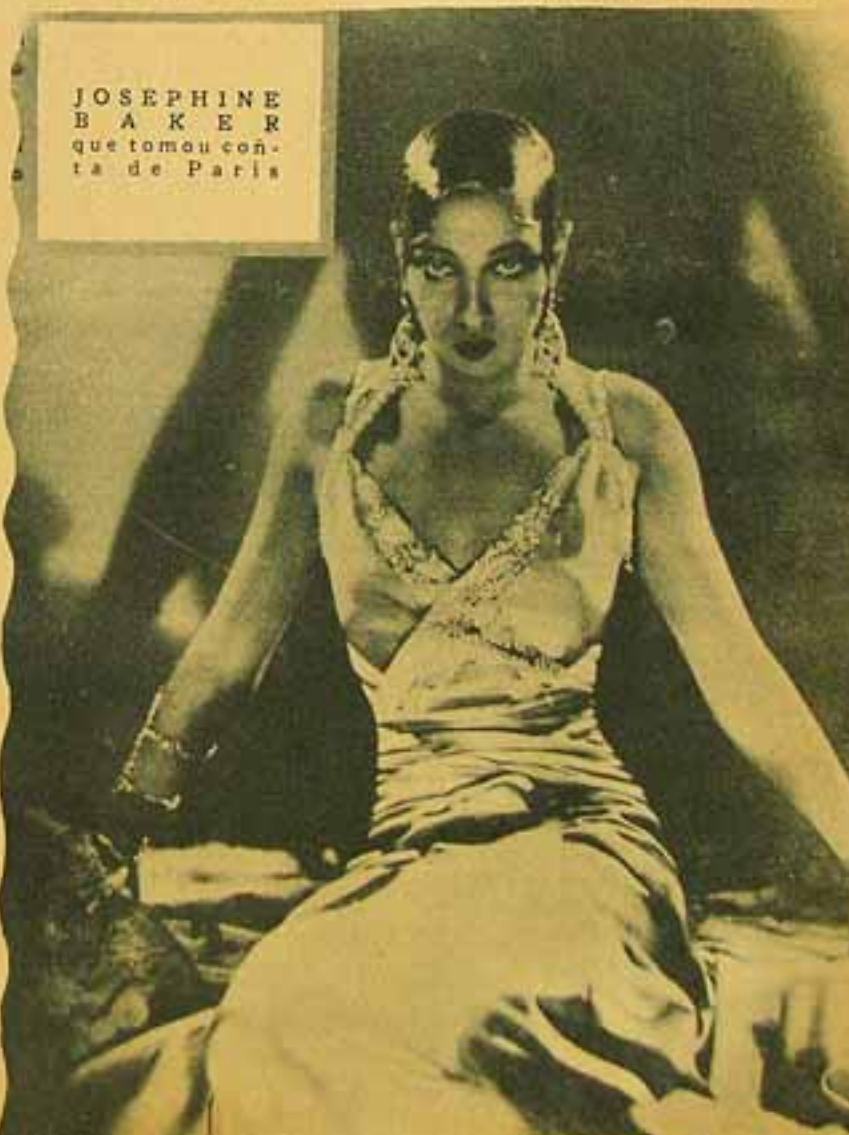
Não admito mulheres misteriosas. Confio muito na minha tática. Olho firme para a mulher e decifro-a num momento. Depois é "canja". E' só pegar. Acerto mais nas mulheres do que o Alvear nas corridas...

Moacir
Faço questão de ser, então, o seu discípulo...
Coronel
Você vai ver. Hoje tenho um encontro aqui com uma mulher adorável. Ela tem muita fé na sua astúcia. Mas eu vou mostrar-lhe como se domina uma mulher astuta... Preste bem atenção...
Moacir
Adoro os mestres. Coronel. (Tira a carteira de cigarros) Fuma?
Coronel
(Aceitando) Obrigado. (Acendemos os cigarros)

CENA VI

Os mesmos e o CABARETIER
Cabaretier
(Entrando da E. e falando uma língua mista de francês e português) Senhores, tenho hoje o prazer de apresentar-vos a gentil divete Marieta, que cantará uma linda canção do seu repertório!
(Continua no próximo número)

JOSEPHINE
B A K E R
que tomou con-
ta de Paris





Um grupo dos assistentes ao Concerto realizado pela Sociedade "Austria" em homenagem ao grande compositor austriaco Franz Schubert. Vê-se no centro S. Excia. o Sr. Ministro da Austria e Exma. Snra. com os artistas que tomaram parte na festa.

Almôço de despedida no Palace Hotel a Miss Berta Putem, Diretora da Escola de Enfermeiras que embarcou para os Estados Unidos

RUMOROSAMENTE, indiferentemente, partiu neste momento a última andorinha, levando para o desconhecido, para a dor ou para a alegria, os moveis de meu quarto de moça. Foi-se dêle a última lembrança material, o último resto de prazer do meu "eu" ardente e insatisfeito. Agora está vazio de tudo o que lhe dava beleza e vida — dos moveis claros que o habitavam, das divinas quinquilharias que a moda inventou para a delicia dos olhos e dos sentidos. Está vazio para os outros, para os indiferentes. Não para mim que sinto nêle, latente, todo o meu passado ainda curto, — mas tão agitado! — todos os sonhos prateados da minha mocidade.

Está vazio o meu quarto... E dentro de poucos momentos também eu partirei, deixando-o só e triste, tirando o último raio de alegria que ainda dá vida às suas paredes nuas — a minha presença de mulher moça que a vida ainda não enfeiou — Ir-me-ei, entretanto, e partirá comigo a mocidade... Que virá depois? Que vida, sonhadora ou realista, boa ou egoísta, povoará o meu quarto de moça? Que olhos claros como as madrugadas de verão, ou escuros como as noites sem lua, se pousarão sobre estas paredes amigas? Nelas que tantas vezes tiveram, pensativos e sonhadores, os meus olhos de luz incerta como o entardecer, pousar-se-ão ainda outros olhos semelhantes? Ou virá alguém cujo pensamento se volte apenas para o grosseiro utilitarismo da vida? — Ah! meu pobre quarto... que tristeza conhecerás então! Como tombarás, inútil e comum, entre a legião de todos os quartos sem alma e sem ideal, tu a quem eu emprestei um pouco da minha, desta alma desejosa e moça, tão cheia de sonhos, que os espalhava, inconscientemente, perdulariamente, por onde passava, em uma expansão necessaria e confortadora! Foi assim que eu dividi contigo, meu pobre quarto amigo, esta alma que aqui fica, entre

as tuas paredes, nos teus menores recantos, vagando, incerta e triste, como esse outro pedaço dela mesma, que se vai comigo, para o desconhecido, para a alegria ou para a dor...

De vagarinho, muito de manso, fecho para a luz e para a vida as janelas que sempre viveram abertas, numa necessidade de ar, de luz, de barulho. — Estás escuro, meu quarto amigo... estás calado como a minha própria boca que não se descerra no receio de alguma queixa que é preciso calar... Durante alguns

dias ficarás assim, silencioso e sombrio. Depois virá alguém... alguém que eu ignore... que abrirá sem cuidado estas janelas

DESENCANTAMENTO...

(PARA VOCÊ, EMILIA.)

que eu fechei... e ir-se-á então o trapo da minha pobre alma que aqui ficará encarcerada... partirão os meus sonhos ingenuos ou exigentes... as minhas recordações tão boas ou tão tristes... a lembrança feliz do meu primeiro beijo de amor, que confiei, deslumbrada, á tua discrição amiga... Tudo fugirá á presença de estranhos, e com que tristeza eu o sinto! Até mesmo a lembrança da minha primeira lagrima de desilusão me atrista no momento da partida. Ela me aparece nublada como me aparecia o próprio destino, através do sofrimento, esse destino insondável que ainda neste momento me surge cheio de misterio, e me enche de lagrimas, novamente, os olhos castanhos, meus pobres olhos doridos.

Adeus, meu quarto, guarda ainda, por uns dias, a minha alma, os meus sonhos, o resto do meu "eu" ardente e insatisfeito. Depois... quando vier alguém... solta pela janela, para o céu, para bem longe, o tesouro que te confiei nêstes anos em que foste meu amigo... meu pobre quarto de moça... adeus...

E de mansinho, em silencio, as lagrimas nos olhos, fecho a porta que guardará ainda, por alguns dias, dentro dêste quarto que foi meu, a saudade do meu sonho desfeito, a lembrança da minha primeira lagrima de desengano... a gloria do meu beijo de amor...

DE
REGINA
LAURA



Enlace
Marina Torre
Noé Augusto de Gouvêa



ESCOLA ANNA NERY

No dia da inauguração da assistência à maternidade. Senhoras e senhoritas presentes. O Professor Olinto de Oliveira lendo o discurso de inauguração. Na mesa, ao centro, a Senhora Getúlio Vargas.

Feira de Amostras

Com a presença do Dr. Getúlio Vargas, Chefe da Nação, sua Exma. esposa, vários ministros de Estado, o interventor Dr. Adolpho Bergamini, jornalistas e mais pessoas gradas, inaugurou-se na tarde de 25 de Julho ultimo a Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.

Esta solenidade, uma das mais esperadas em nossa capital, pelo que de

movimento chic, elegante e comercial costuma trazer, tem tido uma brilhantíssima concorrência, desfilando presentemente milhares e milhares de pessoas, dia e noite, ante os ricos, artísticos e curiosos mostruários que ali estão expostos.

Tradição, já, em nossos fóros de cidade cosmopolita, a Feira Internacional de Amostras é o centro, o "rendez-vous" da elegância carioca.

E o brilhantismo com que este ano foi inaugurada, deve-se em primeiro lugar ao apoio e esforço elogiável do Dr.

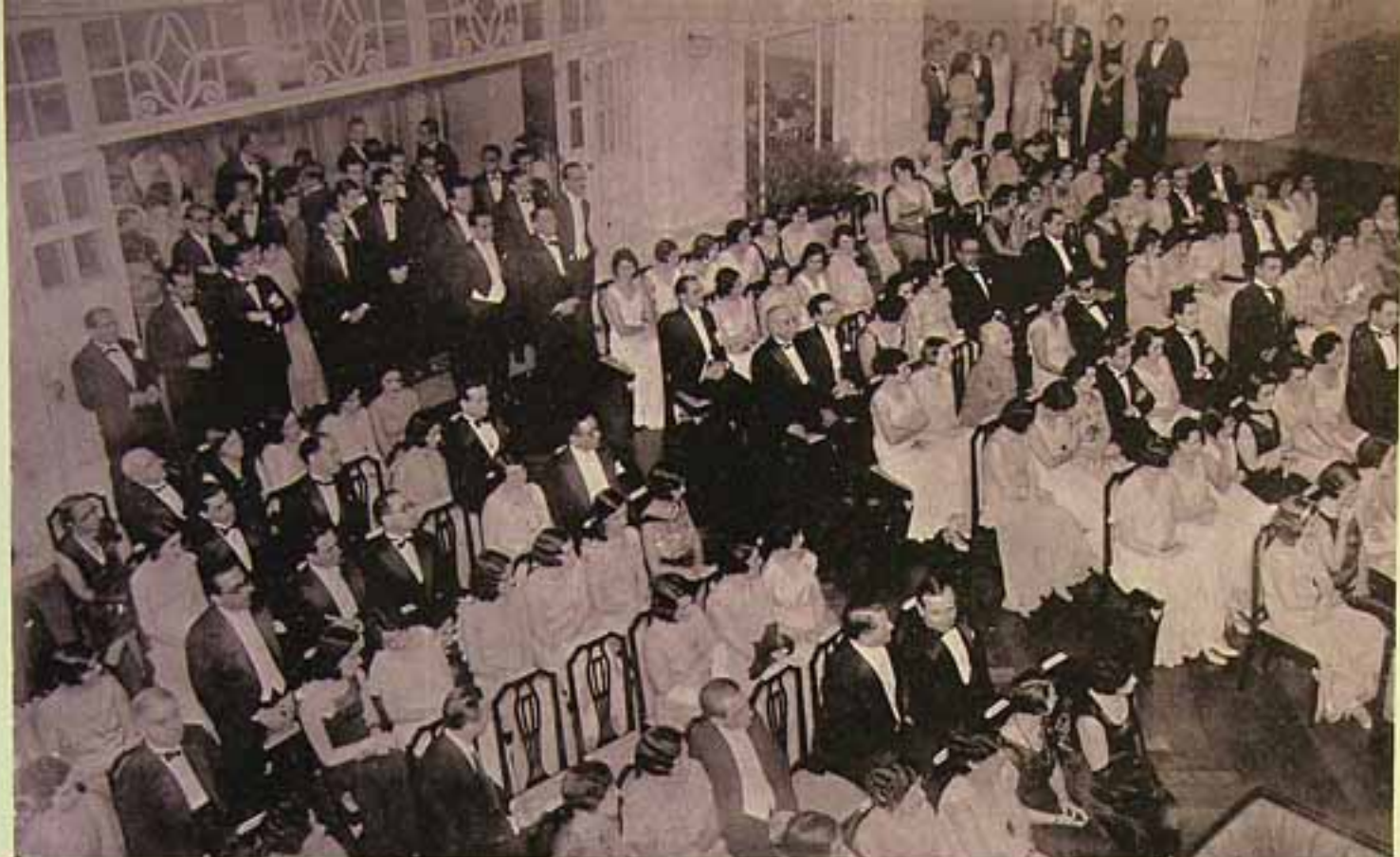
O Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, ao chegar às 16 horas de sábado à Feira Internacional de Amostras, foi recebido pelo Interventor e vários membros da Comissão Executiva, sendo executado o hino Nacional pela banda de música do 1º R. L.

Depois da saudação feita a S. Ex. pelo Dr. Adolpho Bergamini percorreu o Chefe da Nação todos os mostruários, retirando-se ótimamente impressionado e entre vibrantes aclamações do povo que se comprinha.

Adolpho Bergamini — elogiável sob todos os aspectos — e ainda à actividade do Sr. José Vergueiro Steidel, presidente da Comissão, auxiliado pelos Srs. Pinheiro da Fonseca e Thomaz Guimarães.

Além dos "stands", todos localizados no Palácio das Festas, encontram-se também no recinto da Feira várias diversões, no genero das que o Rio conheceu quando da Exposição do Centenario, nesse mesmo local, havendo boa organização de bilheteria e serviço de bar.

A iluminação e ornamentação em geral é de grande efeito artistico, sendo a entrada principal da Feira de Amostras, em construção, de estilo futurista, bastante interessante.



S I N D I C A T O M E D I C O



Durante a conferencia do Professor Austregésilo

Assistencia da sessão de encerramento e um instantaneo do baile final



Professor Clementino Fraga encerrando o Congresso





Na inauguração da Pedra de Amostras, sábado 25. O presidente da República, a Senhora Getúlio Vargas, os ministros da Guerra, da Marinha, da Agricultura, do Trabalho, o Interventor do Distrito Federal.



Artistas e amadores que tomaram parte na festa em favor dos Escoteiros da Fôz do Iguaçu, no Salão Nicolas.



Senhoras, senhoritas e senhores que formaram do aniversário da Academia.



Da semana que passou

Em cima, à direita: Recepção na Legação do Paraguay. Depois, no salão da Escola de Belas Artes, durante a conferencia da Senhora Belén Sarraga. No chá dansante do Automovel Club. Na noite de arte do Atlantico Club.





Vila Rosaly

Inauguração da iluminação pública. Convidados às festas de domingo passado. Senhora Dr. Arruda Negreiros presidindo o "lunch" aos convidados.

M U S I C A



A cantora Lucina Socero, que está em viagem de estudos pela Europa, e que tem realizado concertos em várias cidades com grande êxito. Fotografia feita na Praia de Brighton.

O novo livro da Dra. Ernesta von Weber, lançado agora mesmo, é "Bergamini". Ela, que teve a rara felicidade de ver esgotada, em pouco tempo, a primeira edição do seu primeiro trabalho em português "O Brasil que eu vi", e já promete, para breve, a segunda, pouco tempo depois, nos deu "Figuras da Revolução", e logo em seguida, fresca ainda a tinta deste, nos apresenta "Bergamini". Em toda essa rápida e notável sucessão de livros encontra-se sempre a nota dominante da grande simpatia que uma estrangeira ilustre, já brasileira pelo coração, dedica ao Brasil, e não se cansa de manifestar. O seu último trabalho, no qual se encontram, a cada passo, reflexões profundas e felizes, há de ser lido com grande prazer, e servir de subsídio histórico, tantas são as valiosas informações que contém.

O seu nervoso estilo é de todo comunicativo pela transparência com que reveste uma alma poética e uma inteligência culta.

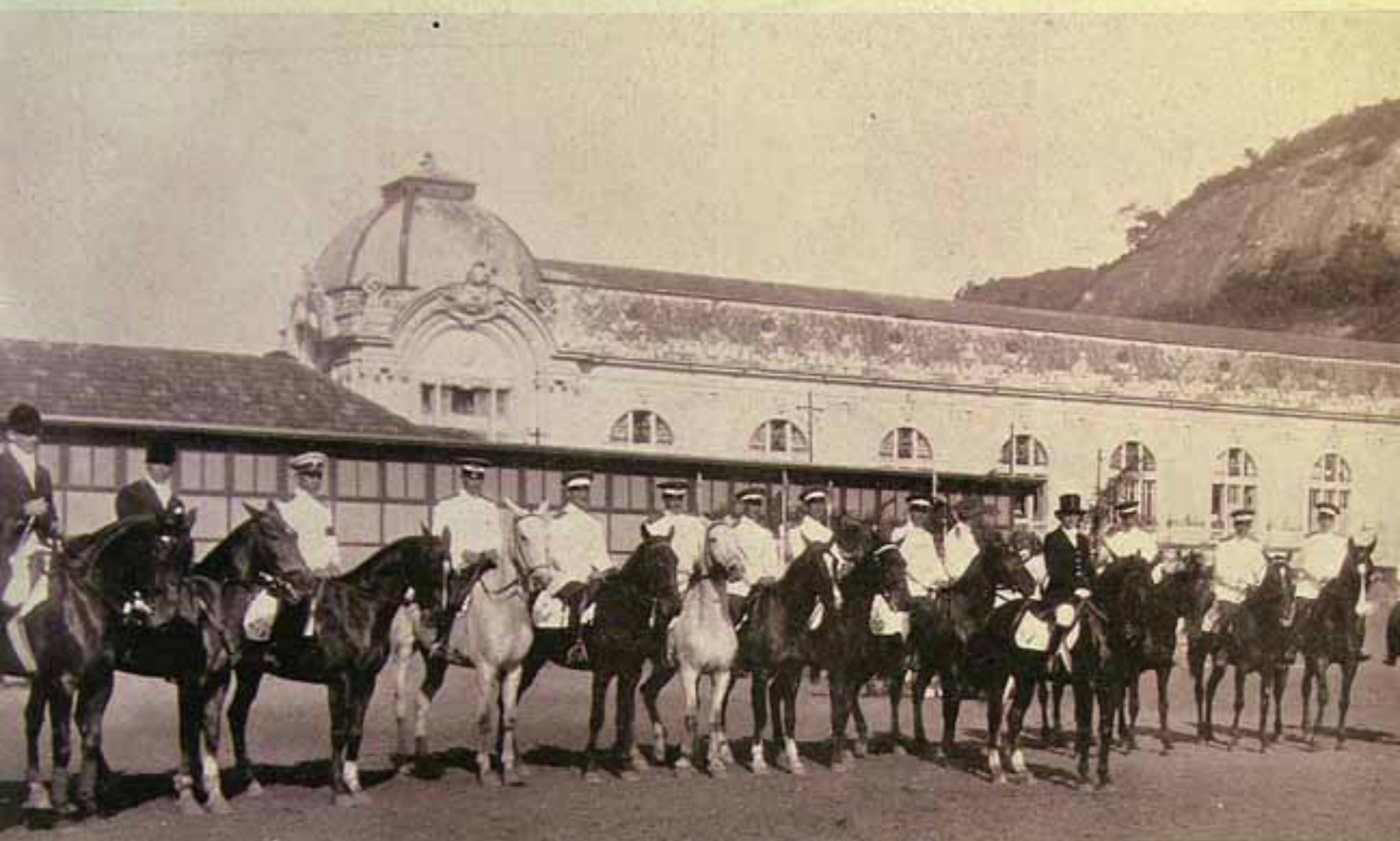
Ao novo livro está, pois, destinado um grande sucesso de estima e de livreria.

L I T E R A T U R A

Doutora
Ernesta
von
Weber,
medica
austriaca,
escritora
internacional,
jornalista
brasileira.

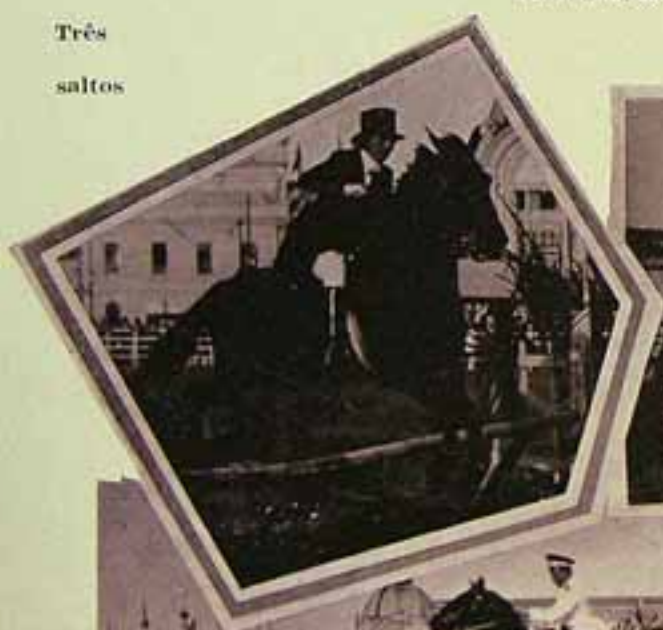


PARA TODOS...



Na reunião de domingo, que foi elegantíssima. A linda amazona e os cavaleiros que tomaram parte nas provas. Na assistência estavam as senhoras André Betim Paes Leme, Benjamim Rangel, José Carneiro Machado, Evandro Chagas, Mario Machado, Ernesto Machado, Pierre Latif, e as senhoritas Bomilear da Cunha e Maria Thereza de Lima Rocha.

Três
saltos



Centro
Hípico
Brasileiro



A multidão
no cemitério
de S. João
Baptista

Chegada
do presidente
Getúlio
Vargas

João Pessoa

O Rio de Janeiro, com todo o Brasil, prestou, no dia do primeiro aniversário da morte de João Pessoa, as mais sentidas homenagens à memória de um dos grandes chefes da Revolução Brasileira.

ROLETA... A VIDA

PARA TODOS...

FEITO!"... E' o grito fatal!... Alea jacta est!... Quem botou a fichinha ou o punhado de fichões conserva o coração mais saltitante do que a bolinha de marfim. Esta gira, regira, cambalhoteia, palpita, sacipererêando dentro da gente. Mais uma volta, mais outra... outra mais... Pára!... "34!" O pessoal havia carregado no "12". Que azar!... Em Monte Carlo usa-se meter uma bala nos miolos. No Brasil, o negócio é diferente. O verde e amarelo esparrama um nome feio pelo pano sedutor e vai para casa dormir... No dia seguinte, volta. Carrega no "3" e no "4". Dá o "7", repetidas vezes. Quando quer o "sector", o "3" emagrece o banqueiro. Deixa mais quarenta paus entre os companheiros. Dá um nome muito mais feio ao pano, sacode a cabeleira, espreguiça, toma cerveja e exclama: "Éta vida desigual!"... Dorme de novo... pra não ficar atôa.

Rolêta. Ambição. Alfa e ômega de todas as cogitações humanas. Todos nós queremos ganhar. Isso ou aquilo, não importa! Ouro, posições, amor, bem-estar, o Céu, etc. Eterno jogo em que nos achamos!... O Destino atira a bolinha com agilidade de malabarista... Faz surpresas. Oferece risos e gargalhadas, angústias e desilusões, lágrimas e dores... E nossa Vida gira ininterruptamente, fêbricitantemente... Certas pessoas, porém, jogam com um cinismo que enoja. Sujam o nome imponente que precisam honrar — Homem. Fazem de sua profissão uma orquestra de todas as baixezas. (Baixezas orquestradas... que desarmonia!) Perseguem, com mentiras, àquêles que precisam também ganhar o pão. Esquecem que o sol nasceu para iluminar todos os mortais. Dão sorrisos aos que apelidam amigos e, de longe, escarram sobre a sua reputação. No entanto sua mão tem calos e seus joelhos também. Batem no peito a todo instante e se vergam, genuflexos, diante de imagens. Que religião! Que nojo inspiram semelhantes exemplares da Humanidade!... Os irracionais envergonhar-se-iam de tais homens... Jogam na rolêta da Vida com o dinheiro falso da difamação e do egoísmo. Será possível que o banqueiro eterno dê sorte a indivíduos tão pequeninos?! Se têm certeza de que o Céu os perdoará, tenham pelo menos, elegância de verdadeiros homens aqui na terra! Joguem com notas verdadeiras. Encontrarão outras cédulas em seu auxílio. Seus parceiros sabem atirar as fichas pelo caminho bonito: O da solidariedade humana! Ninguém porá obstáculo que carreguem no "15" ou "19". Mas joguem direito! Joguem com distinção! Está pronto! "Feito!"... "Feito!"... O Destino distribue a todos os jogadores as quantias que merecerem, mas obedecendo ao mesmo padrão: O do "amor ao próximo como a si mesmo", frase que certos rezadores se lembram de esquecer... quando muito bem lhes convém. Se aquêle homem extraordinário que se chamou Cristo surgisse, disfarçado, entre esta gente, tornaria seus eleitos a certos ateus, pois, estes, sem fé, praticam, instintivamente, a solidariedade humana e agem com desassombro magnífico dentro de uma vida que desconhece a hipocrisia. Não batem no peito... pois não conhecem pecados. A



Um sono tranquilo. Na sua cabine, a passageira do dirigível dorme sossegadamente a três mil metros de altura.

sua única religião é o coração. D'aí se irradia a luminosidade de suas ações. E, assim, fazem o seu jogo... sem enganar a ninguém... abertamente, sem mentir ao filósofo de Belem, o qual tantas coisas sublimes pregou aos homens!... Meu bom Cristo! Não creio que sejas um Deus. Talvez porque eu seja muito pequenino para compreendê-lo... Fé não se impõe. Ter fé é uma predestinação. Mas, Cristo, admiro-te como pregador de verdades humanas, todas saturadas de encantadora filantropia. Certos católicos, que se dizem teus filhos, atraíam-te na rolêta da Vida. Fazem de ti um mau banqueiro... e aí está porque muita gente, ó Cristo amigo, preferem outro a ti... outro um tanto indeterminado, a que deram o nome de Destino. E ele nos concede, muitas vezes, meu caro filósofo, agradabilíssimas surpresas, e nos ensina a gargalhar, indefinidamente, com uma superioridade de estetas, de certos adeptos de tua religião, que deslustram, que difamam, que enxovalham!...

JOB FREIRE



MAORI

Pernas roliças,
colunárias, de már-
more adusto, sob o

A TEZ morena, tersa —
ambar polido, de cõr
rara e uniforme.

A cabeleira negra, brilha-
nte e compacta, caindo-lhe sôbre
os hombros nus, pesadamente,
como as asas de um pássaro no-
turno.

Olhos rasgados e profundos,
luzindo sob os supercílios de nan-
quim, com reflexos de vaga nos-
talgia e voluptuosidades mórbidas.
Olhos cismarentos e está-
ticos, evocando fugidias remi-
niscências de uma aucestralidade
dormente sob o letargo estra-
nho de um rito tenebroso.

Bôca debruada de polpa co-
ralina, orvalhada de pérolas, res-
cendente, fagueira.

Seios fremitantes, mornos,
flexuosos — ânforas generosas
repletas de licôres da floresta.

Quadris ondulantes, em cur-
va insinuante, aptos a sacolejar
as saias de rafia sôbre as praias
floridas do Pacífico.

modêlo das da própria deusa *Hi-
na*. Breves pés de asa de rôla,
afeitos a palmilhar a relva velu-
dosa dos planos e a compassar
alígeros o batuque do *tandaká*
nativo.

Um perfume silvestre de
manoi emana de sua cabeleira
engrinalhada pelas orquídeas do
loro.

O calor de seu peito exibe-
rante é uma onda capitosa de vo-
lupia.

Ondulam seus flancos num
ritmo lascivo de bailado tropical;
em toda uma harmonia carna-
l que é seu caminhar de ídolo er-
rante.

Seus braços serpentinos, on-
de se envolvem gardenias em
festões multicôres, são ideais ca-
deias de amor, cuja pressão cari-
nhosa e irresistível arrebatava os
sentidos para o infinito do pra-
zer.

Sua vóz um tanto gutural,
adelgaçando-se nos acentos cris-
talinos das canções samoanas de
uma dolencia enervante e de uma
oocesia enamorada, é um hino

apaixonado á natura triunfal, aos êxtases dormen-
tes, aos embates do amor.

Todo o encanto da carne bela e emocionada
trespasa a formosa virgem Maori, em sua ilha per-
dida entre infinitos — sob o azul abobadado do céu
puro, no seio da verdura opulenta do trópico, en-
volta nos aromas da seiva fecunda, ao planger das
caxoeiras prateadas, ao fragôr da onda espumante
que desliza sôbre as areias alvadias das longas
praias cantantes dos mares do sul.

Assim, meu espírito delirante compôs a per-
feição polinésica, contralizada, nesta divina filha
do oceano através da sedutora memória poética da-
quelas plagas de idílio.

Assim, contemplei a estupenda atona, nímfa
trigueira da mitologia maori.

Tabou... A natureza guarda recôndito seu
encantamento.

Penetrei naquêlê âmbito fantástico: transpus
o pórtico silvestre daquêlê templo pagão; imergi
na transparencia extasiante daquêlê horizontes
de magia.

Tabou... tabou. Zelosamente, Maori-Ouira
vela sôbre as águas mágicas de seu culto paradisia-
co.

Meu pensamento abandona o corpo inerte e
eleva-se nos ares, flotando pelo azul da noite mei-
ga, diaganizada ao claror opalino do luar.

A aragem oceânica traz-me em seu hálito sa-
lino e fresco o som dormente de melodias patéti-
cas. Insensivelmente, sigo em demanda daquela
ignota lira, que desprende no espaço acordes líri-
cos desconhecidos.

Palro sôbre o mar

Em baixo, minúsculo éden verde boia sôbre

as águas cristalinas, que redomizam madreporas
ignescentes. Dali irradia a onda sonora.

Desço sôbre o paraíso floral. As vibrações me-
lódicas sôam em plena intensidade envoltas na
fragrância de mil corolas ridentes.

A areia fina alveja, os rochedos obscuros co-
rôam-se com a franja das ondas marulhantes, a
ramagem maciça sussurra no âmago da noite vo-
zes ternas e sigilosas. A luz da hostia lunar deper-
ta em tudo aquilo uma alma encantada, que se ele-
va rodeada de fulgôres latescentes.

Numa enseada calmosa, sob a rama de coquei-
ros recurvos que a lua transforma em pistilos de
prata, nativos bronzeos tangem guitarras e estri-
dulam *fango-fangos*, languidamente, na românti-
ca inspiração de suas rudes almas apaixonadas.

Reclinada sôbre rochas calcinadas, que avan-
çam para o mar de turmalina, a virgem Maori cis-
ma; e as ondas indolentes banham-lhe os pés ala-
dos. Sua silhueta desenha-se nitida na turquesa
do infinito distante. O som da melódia plangente
causa-lhe o arrebatô do êstase meditativo.

Indomável fascínio a ela me impele. Logo,
porém, detenho-me enebriado — ela canta.

A poesia pagã irrompe de seus lábios de pa-
poula. Um cântico de amor que eu adivinho sem
compreender, uma elegia sublime que ascende ao
lunar e que repetem em frêmito os ecos da natureza
comovida.

O infinito é mais puro. O ambiente todo so-
noriza-se. A alma verde das matas e a alma azu-
lea dos mares vibram em unísono, na exaltação
sinfônica do idealismo...

A lua esplende reverberos intensos que pene-
tram de luz fluidica a terra, o mar; e tudo então
uma harmonia eterea...

Aos poucos, desvanece a balada nativa. As
últimas notas extinguem-se lentamente, e as gui-
tarras languidas emitem trêmulos argêntinos que
ao subirem ao ar caljado parecem ser aprisiona-
dos no bojo da folhagem, onde morrem num últi-
mo suspiro de amor...

O sussurrar da folhagem...

As endeiças do mar...

Emudecida, a virgem perde no horizonte os olhos
esmaçados.

Aproximo-me, lentamente.

Ela ergue-se na aresta do rochedo e, num
gesto solene, invoca o mar.

As vagas entumescem com lúgubre rumor e,
acometendo as fragas estilham-se espumosas. Jac-
tos perliados assomam á incólume selvagem — bra-
ços abertos, énea estatua simbólica de fascinadó-
ra — cingindo-a em mantô hialino, húmido e frio,
onde se irisam os raios do luar.

Atento estremunhado á formidável cena.

O mar estála e brame, a onda eriça, mil ten-
táculos convulsos que enastam a rocha abrupta,
e espirais nacarados lançando-se violentos cobrem
a maga impassível.

Corro a ela num ímpeto de espanto!

Arrebatando-a em seus vórtices, o turbilhão
de franja aquática sepulta-a no mar.

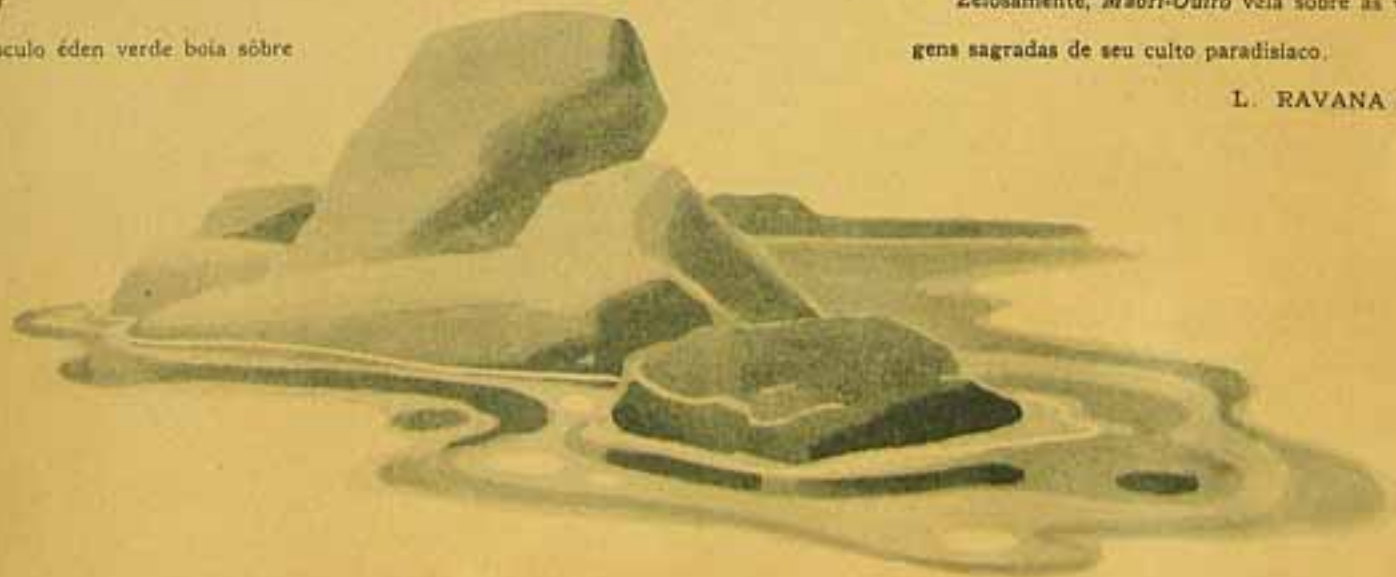
Reprime-se a tormenta.

Estático, permaneço sôbre a pedra negra.

Tabou!... tabou!...

Zelosamente, Maori-Ouira vela sôbre as vir-
gens sagradas de seu culto paradisiaco.

L. RAVANA



Milagres, Jejuns, Comidas e proezas de outrora

PERNAMBUCO DAS ANQUINHAS E DAS MAXAMBOMBAS

MARIO SETTE

BONDE elétrico tomou o lugar da maxambomba, sim senhor; a saia curta e transparente deu o fóra na anquinha, sim senhor; o cinema desbancou a festa de igreja, sim senhor; tudo passou por uma reforma tal que um defunto de vinte anos atrás, se tivesse um aparelho de rádio na cova e soubesse das novidades desta Recife moderna, julgaria que o estavam empilhando. Mas uma coisa é bem parecida com a de dantes; é a alma da gente.

Essa "santa" do Alto do Céu serve de sinal disso. A multidão que a procura, de automóveis, de trem, de bondes, a pé, essa o morto a reconheceria logo se saísse da sepultura. Ele a teria visto, igualzinha, na ingenuidade, na esperança, na sofreguidão, apenas com outros trajes, em 1904, acorrendo ao Derby afim de se submeter aos milagres do professor Faustino, o "homem do dedo". Quem já anda dos 30 para cima ou dobrou os 40, há muito, há de se recordar nitidamente do professor Faustino. Lembra-se bem de tudo, por exemplo, embora o negue, aquela senhora minha conhecida que era uma graciosa mocinha, quando eu ainda brincava nos colos das moças, e, que hoje, apesar de avó, possui uns cabelos estranhamente pretos e lustrosos.

O homem apareceu e fez sem demora um reboliço danado na pacata cidade daquele tempo. Os jornais abriram colunas. O povo marchou para o Derby com um interesse só comparável à época brilhante de Delmiro Gouveia. As curas maravilhosas andavam de boca em boca. Como sempre surdiam os que punham o indicador no olho, repuxando a palpebra e testemunhando: Eu vi. No entanto, quem tinha os seus parentes ou conhecidos cegos, aleijados, leprosos, mudos, continuavam a vê-los do mesmo modo. Os curados, por uma esquisitice inexplicável, desapareciam da circulação. Todavia, não decrescera a afluência de enfermos. A Ferro Carril aumentou os carros para a Estancia, porém mal se partia do Brum já não havia lugares senão debaixo das rodas; e, ali mesmo haveria quem se metesse, tanta certeza nutria de arranjar com o professor Faustino umas outras pernas.

O método desse professor consistia em colocar a mão no ponto do corpo atingido pela doença. E o milagre se efetivava instantaneamente. Daí a ironia maliciosa tê-lo crismado de "homem do dedo". Não se falava noutra coisa. A Pimenta, o bem feito semanário humorístico em que as penas de Léo, Língua de Prata, Pafunciano Batoque, Dr. Gancho, Murilo, escondiam muita gente séria de hoje, tomou a seu cargo o "homem do dedo". A romaria começava de manhã, para o Derby, e entrava pela noite.

Afinal, tudo passou. E ninguém ficou menos cego, menos surdo, menos torto. Depois, foi Beberibe. Anunciaram-se os feitos surpreendentes de Bento Milagroso.



Mario Sette

Os escritores pernambucanos Mario Sette e Fernando Pio têm pronto para o prelo um livro de crônicas sobre o Recife antigo, com o título acima, o qual deverá sair a lume no próximo mês de julho.

São trabalhos interessantes pelo que evocam de aspetos, de costumes, de tipos de um Recife de uns vinte a cinquenta anos atrás, com todos os característicos da época.

E é desse livro a crônica "Milagres, jejuns, comidas e proezas de outrora", firmada por Mario Sette, que publicamos hoje.

Esse não era professor. Parece-me até que se tratava de um homem humilde, sem grandes conhecimentos, talvez mesmo ingenuo. O outro cursara escola mais alta; conhecia a psicologia da gente com que tratava. Bento Milagroso também conseguiu fazer seu ruídozinho bem regular. Beberibe, desde que Luiz do Rego assinou por lá a sua desistência ao governo de Pernambuco, creio que nunca vira tanto mundo pelas suas bandas. E não era para tomar banho, chupar cajús, beber cachaça que aquele povo por ali aparecia, mas para obter alívio às suas dores. Novos reclamos de curas, novos repuxamentos de palpebras, novos entusiasmos, e, por fim, *toujours la même chose*: decadência de fama, silêncio, doentes como dantes...

Tivemos também o homem da rua do Padre Muniz. Desse não sei qual o método de tratamento. O que é verdade é que encheu por alguns anos as solicitadas dos jornais com atestados de restabelecimento, agradecimentos, elogios. Nunca mais se falou nele. Viajou? Aposentou-se? Aborreceu-se com a ingratidão dos clientes? Ou, como os fabricantes de remédios para calvície, que são calvos, não achou remédio para seus males e morreu?

Cousas do Recife atrazado que hoje na Recife adiantada se repetem. O mar de Paulista, a Santa do Alto do Céu. Todas as épocas têm as suas "gosadas" curiosidades. A nossa cidade, por volta de mil novecentos e tantos teve-se das boas. E apreciava-as melhor do que agora porque a existência fosse mais calma e os motivos de atenção menores.

Quem não se recorda dos Lucas? Uma nova seita religiosa, ou que se presumia ser, pelo menos. Um grupo de homens e mulheres do povo, habitando um sítio na Madalena e fazendo ali cerimônias de culto, com rezas, cânticos, bênçãos do terreno, prédicas etc. Não comiam carne evitando a morte dos animais; andavam todos com umas túnicas brancas e de gorros; os homens de barbas e cabelos compridos; as mulheres de cabeças raspadas; acompanhavam-nos um jumento que tinha uma orelha cortada. Faziam penitências e jejuns. O Santo Lucas era o seu chefe e padroeiro. Quando entravam numa casa exclamavam: "A Paz de Jesus Cristo esteja em vossos corações!" Se viam uma pessoa montada a cavalo, exortavam: "Desce de teu irmão!"

Inofensivos, trabalhadores, honestos, bons. E, por isso mesmo, serviam de alvo a injúrias, ridículos, vaias, pedradas.

Sumiram-se. Talvez tivessem preferido morrer a serem maldizentes, parasitas, ladrões e malvados para se arranjar melhor na terra.

Outro caso interessante foi o do homem que comia vidro. Fez sucesso. Até as rodas científicas se dignaram de botar os olhos e examinar o "fenômeno". Mastigava e engolia um copo, uma chaminé de candieiro, uma vidraça, como quem saboreia um desfolhado. E passava admiravelmente, sem precisar de injeções, de nox-vômica, de bicarbonato de sódio. Recolheram-no ao asylo: comer vidro era indício evidente de loucura; devera, para ter juízo, atirar-se a outras "comidas".

Ao contrario desse que preferia as taças à champagne, surgiu o que não comia nada. O Julio Vilar. O enterrado-vivo, como apregoavam os anúncios. O seu enterro no salão de entrada do Helvetia foi o mais concorrido do Recife, embora se pagasse para assisti-lo. E, metido num ataúde, às vistas do público, mercê de uma tampa de vidro (ah! si o engole vidraças estivesse solto), o jejuador repousou das "fadigas diárias e cavatorias" durante 8 dias. Não houve quem lhe fosse mirar a cara (Termina no fim do número)



Mlle Suzanne Gilbert e, em baixo, Mlle Ninette Pavier, da Companhia Véra Sergine-Henri Rollan, no Municipal.

O tenor Tito Schipa, que vamos ouvir este ano, ensina o seu macaco a cantar.



A soprano Josefina Cobelli, que também fará parte da Companhia Lírica, vindo do Colón, de Buenos Aires, para o nosso teatro oficial, contratada pelo maestro Piergile.



Terra Gaúcha



Na Pedra Redonda,
Porto Alegre



Senhorita Justina Ramos

Senhoritas Elisa Silva, Jacilla Lago,
Joanna Iffran e Yayá Donelles, de S. Borja.

Em cima, à esquerda: senhoritas Dotilde e Jovita Ramos, na fazenda Estrela do Oriente, de seu pai, major Juca Ramos, em S. Borja.

Em cima, no meio: senhoritas Vege e Dadá Ornelles e Eney Ribeiro, da Sociedade de S. Borja,



Senhoritas
Mariense
e
Miranda
netas dos propagandistas
da Republica, Apparicio
Mariense e Francisco Mi-
randa.



Um
gaúcho



Pescaria
no rio
Camaquar

DAISE

PALAVRAS
DE
ALVARO
LIVIN

DECORAÇÃO
DE FÉLIX IO



Eu quis escrever, um dia, um poema,
que fosse elegante e bonito como você, Daise...

E quando os meus olhos, doidos de felicidade,
kodakisaram todo o seu encanto
eu compus, em alexandrinos,
o meu poema feito de sua exaltação,
o meu poema que era uma canção,
à primavera gloriosa do seu corpo,
ao outono silencioso da minha saudade...

Puxa! Não prestou, não. Nem se parecia!
Você pequenininha, assim,
podia nunca se parecer com um alexandrino?

Depois fiz um soneto.
(Quem foi que disse que eu não sabia fazer sonetos?)

Burilei-o meticulosamente.
Enchi-o de adjetivos coloridos e rimas escolhidas.

Cheguei até a trancar, com chave de ouro,

(dê licença José Auto!)
a minha namorada no terceto final!...

Nadinha! Uma pequena com cabelos à Irene Bordoni
não cáí no ridículo de um soneto.

Depois eu criei juízo e dei p'ra gente.
Escrevi um poema bem doido.
Cheio de adjetivos fulminantes e palavras exquisitas.
Um poema que ninguém entendeu...

Os emeritos literatos de colarinho duro
bravejaram contra o "insulto" à pureza da arte!

Fiquei satisfeitiíssimo!
O seu corpinho de tango,
o seu sorriso norte-americano,
você todinha,
estava no meu poema que ninguém entendeu...

de Elegância



E nós, queridas leitoras, como toda a gente deste mundo de Deus não podemos ser mais realistas do que o rei. Assim, vamos deixando de parte a mania de conservação, que, no caso, não tem cabimento, e passemos a adornar as nossas cabeças com o último "grito" de Reboux, de Mado, de Vionnet, interpretados pelas nossas melhores casas de chapéus. (Lablon, Mado, etc.)

Nos figurinos que ilustram esta crônica as leitoras apreciarão alguns modelos de "Grand-prix du Jockey Club", em Chantilly, onde, segundo as informações, ficaram consagradas os vestidos nas tonalidades pastel e branca. Os alvos sempre com uma jaqueta preta, e os pretos com jaquetas brancas. Há quem prefira preto e branco na primeira das combinações. Mas é mais original usar jaquetas brancas sobre vestidos escuros. A estampa está um tanto no desuso dos costureiros, sendo substituída por trabalhos interessantíssimos de nervuras formando guirlandas em "georgette" de tonalidades delicadas, o que demonstra um "croquis" da senhora Martinez de Hoz — Dulce Liberal — a linda brasileira que Paris aplaude como elegantíssima.

A outra figura é uma criação de Reboux — vestido de "crêpe" romano azul pastel, decote drapado e preso por um broche de turmalinas azues. Depois, também de Reboux, um chapéu — o gênero "toque", a "capeline" de laço "papillon" na frente; de Mado, o chapéu dito "Amazona", de "pleat" preto e plumas verde e preto caindo na nuca e bordando a aba.

Agora, uma série de chapéus inspirados em motivos chineses e japoneses, de Courtier Seurs, especialmente destinados às festas à noite. O primeiro, de "chevreau" plissado, o outro, "Annamite", de lantejoulas pretas e fita de "antilope"; "Tonkin" é também de lantejoulas pretas cosidas em setim branco; depois, uma copa de veludo bordado e aba justa, de seda posponhada; todo de "antilope" preto, frisos de seda branca e "pois" de veludo branco, o último.

Ainda são de apreciar os figurinos seguintes: vestido de musselina de seda preta com estampa amarela — chapéu "canotier" de feltro preto; vestido de "crêpe" marinho e grande "capeline" de organdi azul ferrete e branco; saia de "crêpe" da China branco estampado de preto e casaco branco — chapéu "Incliné en avant" e guarnição de plumas; "ensemble" de "crêpe" da China

TAILLEUR azul — tecido diagonal, — "boina" um pouco descida na sobrancelha esquerda, e, do outro lado, o cabelo faceiramente arranjado em ondas, mais uma camada de "hâton", o "rouge" posto com discrição, luvas de "Stiele", brancas, sapatos e carteira de "lézard" branco e preto, ainda um pouco de perfume, ainda uma esplanada no espelho grande, e... rua.

As mulheres desta bela cidade do Rio de Janeiro são quase todas bonitas nestes tempos de pouco frio e nenhum calor. É a moldura dos vestidos, a fisionomia que se não contrai como nos dias de verão, o prazer de andar nas tardes de temperatura deliciosa, a alegria de encontrar os conhecidos que também perambulam pela Gonçalves Dias e pela Ouvidor, que também tomam chá às cinco horas, e que, às vezes, tomam até dois ou três chás, em duas ou três casas diferentes — apesar da crise.

As vitrinas expõem as "dernières créations", e as elegantes ainda estão um tanto refratárias à moda dos chapéus "inclinés en avant". Mas param e examinam os "canotiers" graciosíssimos, os "tricornes", os "tyroloises". Ficam tentadas, procuram na multidão quem os está usando, olham curiosas as mulheres reconhecivelmente chiques, mas não se decidem...

O chapéu "toque", a "boina", o "béguin", porém, facilitam a transição. Continuam, como aqui se vê, a agradar e a serem usados, diferenciando-se, contudo, no modo de colocação.

A parisiense fartou-se de sentir pouca segurança nos chapéus, de desmanchar o penteado ao menor sopro de vento, pedia uma transformação elegante, porém menos incomoda.



de Martinez de Hoz



azul do céu, saia de "godets" embutidos, casaco com aba em várias camadas em forma, e chapéu enfeitado de "aigrettes"; "capeline" de palha rosa e broche de diamantes; vestido de "crêpe" marocain branco, mangas-capa e grande chapéu de palha azul; saia de "crêpe" preto e jaquetão de "piqué" branco; *palatot* de "gailliak" preto num vestido de "crêpe" branco; vestido de taffetas escocês preto e branco; "tailleur" de "crêpe" da China branco; vestido de "shantung" azul esmaecido e gola *pélerine*; chapéu de feltro amarelo e "torsade" de fita da mesma cor.

Todos estes figurinos, do mais palpitante modernismo, explicam facilmente a moda que se inaugurou agora, em Paris, que, nós, para não andarmos atrasadas, devemos adotar, naturalmente procurando o modelo a que melhor convem cada silhueta.

Marta de Holanda escreveu "O Delírio do Nada" que mereceu elogios de Alberto de Oliveira, Coelho Neto, João Ribeiro e outros luminares das letras.

Agradecendo o livro com que me presenteou a inteligente pernambucana, transcrevo um trecho do "Delírio do Nada":

"Todas as felicidades vieram ao meu encontro, dançaram comigo um bailado confuso, descompassado, nervoso e partiram, gargalhando, prometendo voltar.

Ouí o ciclo de todas as recordações... visitei tumulos de glórias longínquas que renasciam, num sol abrasante de meio dia, de alegrias cantantes que se desfizeram certa noite de esplendor, de esperanças que morreram numa asfixia de desejos".

Outra, que se dedica às letras, que faz versos, também se lembrou de me mandar o seu livro, donde copio:

"Eu vim para a vida
Com as mãos cheias de rosas
Dentro da primavera...
Os espinhos nunca me fizeram mal
Sómente,
Algumas vezes
Em defesa da messe radiosa,
Apertei as mãos sobre as rosas
E...
Eles me feriram sem querer!..."

E' — "Meu vestido de retalhos", de Odete de São Felix Simonsen.

Arranjo de casa: um canto de "living room" preparado pela casa Albino Barros & C. — Catete e Ouvidor.

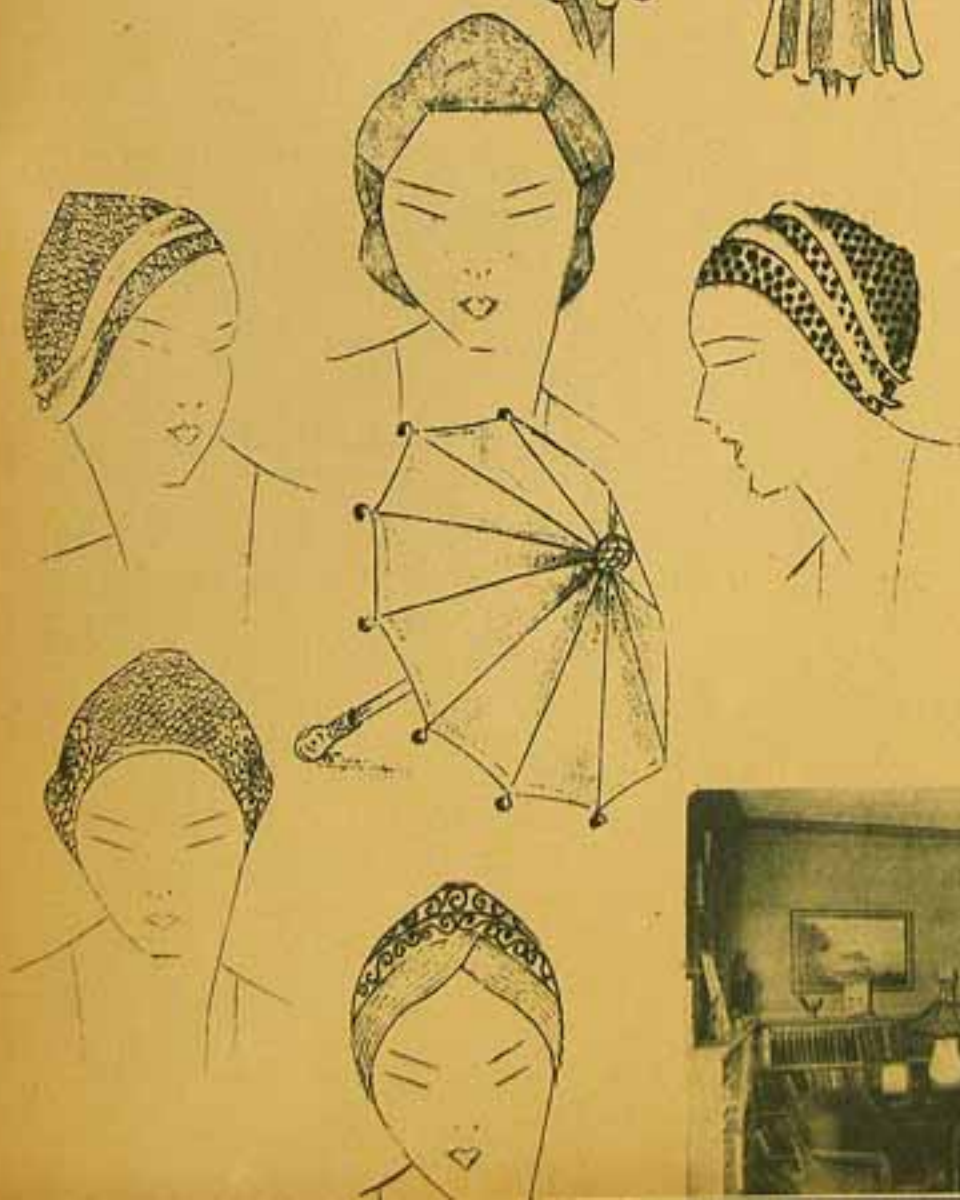
As paredes forradas de papel verde, o estofado das poltronas e cortinas numa combinação de verde, azul e laranja, bem como o tapete. Quebrando tais coloridos a coleração de escarlate vivo de "abat-jour", ao lado do canapé.

Estofos e cortinas em tecidos nacionais coloridos por "Indanthren".

Melas "Sally" — Casa Machado.

Predutos de beleza — de A. Doret — cabeleireiro também o perfumista.

SORCIERE.



De tudo um pouco



A MULHER NO VOLANTE

acerto, é que ela, ou alguém por ela, sabe, com habilidade, cortar em outros gastos para que a interessante criaturinha consiga locomover-se rapidamente, a rodar de um extremo a outro da cidade.

E que é isso senão a manifestação evidente de judiciosa economia?

Se a outra, menos sorridente, porém mais faceira, é rica e pôde levar o "chauffeur" a seu lado, ou dentro do carro se a acompanha qualquer amiga, o que mostra é que, se for necessário, se desandar a roda da fortuna, é capaz de exercer um ofício subalterno, de desempenhar um serviço rude, e o que, assim, patenteia é a grande virtude cristã da humildade — a humildade de quem, podendo mandar que lhe dirijam o luxuoso "Packard", em pessoa o vem dirigir.

Ao invés, pois, de acompanhar aqueles que nunca chegam ao amago das cousas, o que se deve é aplaudir, animar uma prática que descortina a existência daquelas duas grandes virtudes — uma doméstica; outra social.

Ao demais é chique, chique a valer, a mulher às voltas com o volante, a fononar ora de um modo, ora doutro.

Junte-se, então o útil ao agradável: venham mais mulheres para o volante, venham todas as que puderem.



LIVROS NOVOS

"Meu vestido de retalho" — de Odette de São Felix Simonson. — Poesias.

"Delírio de Nada" — de Martha de Hollanda — Pernambuco.

"Cantares" — de A. Bezerra de Menezes — Poesias.

"O Homem que salvou o Brasil" — de Paulo de Magalhães.

"Dia de Sol" — de Prado Maia — Poesias.

"Azas" — de Beatriz Ferreira — Poesias.

"Jornada Sentimental" — de Lys Dorinson — Poesias.

"Bergamini" — de Ernesta von Weber. E, no prégio, pela mesma autora — "Figuras da Revolução" — segunda série.

Ainda há quem se revolte contra o uso, que se está generalizando, de se entregar a mulher ao "sport" automobilístico.

Ha, sim, os ranzinhas, os retrogados, os antifeministas.

"Le monde marche". Já o fazia antes Palletan, continuou depois dele, e assim irá. Só o não vêem aqueles cégos que são os peores porque não querem ver.

No volante ou fora dele a mulher não é o que foi, e não será o que é.

Esse "sport" que para alguns, felizmente poucos, não passa de ridícula exibição, é, entretanto, uma das mais simpáticas conquistas do feminismo.

Não dependendo de grande agilidade corporal o manejo do volante, mas apenas de alguma destreza e for-

ça de punhos, permite que a mulher, cintada e sentada, manobre facilmente, cultive a segurança da visão e ponha à prova o sangue frio.

Mas não só esses os grandes benefícios que do volante provêm.

Para se falar, assisadamente, das cousas é preciso aprofundá-las; simples conhecimento superficial levará sempre a erro de apreciação.

E por se não seguir esta regra que ainda alguns olhos se voltam estrabicamente para a mulher no volante.

Examine-se, porém, mais convenientemente, o caso, e já a opinião será outra.

Se aquela que ali vai, sorridente e faceira, é de poucos recursos pecuniários, tanto que não pôde pagar um "chauffeur", o que daí se tira, com

PARA EMAGRECER

Mais uma fórmula de almoço para os que se dedicam ao regimen elegante:

Pequeno almoço — Toranja, "omelette" simples, duas fatias de "bacon" magro e tostado, uma fatia de torrada, café com leite ou dose de creme.

Almoço: Salada de frutas, um pãozinho, leite desnatado.

Jantar: "Halibut" passado na grelha com limão, pirão de batata (pequena porção), espinafre com ovo bem co-

zido, salada de tomates, um pãozinho, geléa de fruta.

(De "Alimentação e Saúde", de MacCollum e Simmonds — tradução do Dr. Arnaldo de Moraes.

Com o cardápio acima terminam as considerações sobre o regimen.

No proximo numero principiará — Como aumentar o peso.

Ha muito quem precise de alguns quilos, senão para a forma do corpo, pelo menos para que a fisionomia conserve frescura, mocidade.

Os regimens para emagrecer, quando mal feitos —

o que é frequentemente acontece — estragam a saúde e prejudicam a beleza. Os que seguiram, com atenção, as notas desta página devem estar certos de que, para a silhueta adelgada não carece passar fome. Ha muito menê gostoso e variado, tanto ou quanto os que se indicam para pessoas necessitadas de pesar mais...



NOTA DE BELEZA

O que usa uma americana cuja pele é das mais invejáveis e atrai todas as atenções nas praias da Avenida Atlântica:

Uma gema de ovo bem batida — uma clara também batida igualmente, mas em vasilha separada. Pôr, em primeiro lugar, no rosto, pescoço, côlo, braços e mãos a gema. Depois de seca aplicar a clara. Duas horas depois lavar com sabão de primeira ordem e que não contenha absolutamente matéria ácida.

É receita para usar três vezes por semana.



EXPOSIÇÃO

Um nome interessante, sem dúvida. E bem de acordo com o número, quantidade e qualidade de objetos de vestuário para ambos os sexos, sapatos, perfumarias, etc., que a nova casa da Avenida — esquina de S. José, constantemente expõe a curiosidade pública.

PARA TODOS...



Pó de Arrôz ORYGAM DE GALLY

O UNICO PÓ DE ARRÔS DE LUXO
QUE AINDA SE VENDE A 6\$000



MOBILIARIOS

DECORAÇÕES

TAPEÇARIAS

Albino Barros & Cia
END. TEL. "ALBARROS"

FACILITA-SE O PAGAMENTO

FABRICA:
RUA G. PEDRA, 76-78
4-6053

RIO DE JANEIRO

LOJAS:
RUA OUVIDOR, 133
2-9455
RUA CATTETE, 84
5-2556



Para ter bellos modos, é
preciso andar na moda e,
para andar na moda, é
preciso ler

a revista
mensal

MODA E BORDADO

que contém

MODAS: mais de 120
modelos parisienses de
facil execução, artistica-
mente impressos em co-
res, um risco cortado,
chronicas sobre as ulti-
mas novidades.

BORDADOS: á mão e á
machina com desenhos
em tamanho de execução

ARTE CULINARIA: re-
ceitas de pratos delicio-
sos com as illustrações.

CONSELHOS: sobre bel-
leza esthetica e elegancia.
Pedidos do interior ao Ge-
rente de MODA E BOR-
DADO — Caixa Postal 880
— Rua da Quitanda, 7 —
Rio, acompanhados de Rs.
3\$000. Preços das assi-
gnaturas: Semestre,
16\$ 00; Anno, 30\$000.

Um Automobilista



O Sr. Cyro Ribeiro de Abreu, chefe da firma Ribeiro de Abreu & Cia., é um grande automobilista, volante de reconhecida perícia. No Automovel Club do Brasil, os seus serviços já foram aproveitados como membro da Comissão Sportiva. Por suas mãos têm passado carros de diversas marcas, a começar pela Stutz mais ruidosa que já veio ao Brasil e com a qual aliás, bateu de uma feita, em um raiz de Juiz de Fora ao Rio a Turcat-Mery do Sr. Nelito Dias Garcia.

PINTURA

MODERNISMO DE PORTINARI

(F I M)

cousas, dosando res'nas, tupans e papagaños.

A abundancia de luz creou uma teoria de paisagistas volúveis, decoradores sensuais, panoramistas nostálgicos e coloristas mais ou menos lubricos. Dessa época ficaram alguns quadros, que os independentes, os renovadores, consideram sem inveja. Porque esses quadros, contrariando o pensamento de Maclair, não mostram as verdadeiras potencias da criação, a tendencia das mais tenazes energias, o emprego do melhor genio humano, mas uma arte que já experimentou todas as cores e todas as emoções. E é contra isso que se voltam os mais illustres espiritos modernos.

BEZERRA DE FREITAS

Milagres, jejuns, comidas e proezas de outrora

(F I M)

amarela de faminto e perguntar-lhe por meio de um tubo acustico como ia passado de barriga. Ele passava bem,

mesmo porque o empresario lhe dava todas as manhãs noticias do apuramento da bilheteria. Até uma modinha andou em voga:

Julio Vilar,
Sinhô, Sinhô!
Já se enterrou
Sinhô, Sinhô...

Esse caso do Julio Vilar faz-me lembrar um outro. Em 1923 appareceu em Carnarú um imitador do "enterra-vivo". Eu estava lá, passando o São João. O homenzinho resolveu enterrear-se numa loja da rua do Comércio, num sabado de feira. Botou cartazes nas portas, com um boneco num caixaão funebre. Meteu-se no esquife, empurram-no para dentro da terra, e ele ficou esperando a curiosidade dos matutos, certo de que dos três ou quatro mil sertanejos que concorrem á feira daquela cidade, pelo menos, e desgraçadamente, uns mil comprassem o seu bilhete de 500 réis para contemplar o "defunto-vivo". Se no Recife, onde a gente é toda "letrada", o Vilar encherá o bucho, que diria num terra matuta? Correu o dia. Acabou-se a feira. A tarde o "morto" saiu da cova. Alarmado, surpreso, inconveniente: a bilheteria rendera 12\$000. E o sertanejo é que é o jéca, hein?

Uma história da jangada Brasil que ia aos Estados Unidos impressionou bastante os recifenses. Tirou-se dinheiro para a viagem; houve admiradores da idéa, houve descrentes, houve desconfiados. E afinal a coisa resultou num fiasco, aqui mesmo e num régua pelos jornais.

Tambem tivemos um andarilho que ia aos Estados Unidos... Andou pelo Recife todo equipado com uma bandeirinha num pau, de perneiras, farda caqui, etc. E partiu... Mas, na Paraíba viu uns olhos superiores a New York e casou-se, desistindo da jornada.

Tambem deu que falar a epidemia das caixas de pensões. A primeira a botar o nariz de fora foi a Economizadora Paulista, de São Paulo. Pagava-se 5\$000 por mês durante 10 anos e depois a sociedade garantia ao socio uma pensão vitalicia de 100\$ a 150\$000 mensais... Muita gente foi na onda, inclus've o cronista. E tóca a grelarem sociedades mutuas, de vários feitiços, de vários fins, de vários planos. Para quando o menino nascia, para quando o sujeito se casava, para quando o filho entrava na escola, para quando o marido fugia do lar... Pensões em grosso e a retalho. Havia quem pertencesse a todas.

Logo em seguida appareceram as "rapidas". As outras davam pensões lá numa época futura, prefixada. As "rapidas", porém, começaram a distribuir tais vantagens no mesmo dia, no dia seguinte, dali a dois ou três dias, conforme o número de sócios que entrassem.

A coisa tomou um aspéto tal que as sédes de tais "sociedades beneficentes" estiveram a ponto de vir abaixo. As ruas ficavam coalhadas de candidatas,

Dr. Luiz Lacombe



As grandes companhias americanas que se estabelecem em nosso país têm por norma elogiavel aproveitar, tanto quanto possivel os nossos novos valores mentais, em postos de alta responsabilidade. Dentre ellas destaca-se por essa orientação a General Electric, admiravel organização, modelo entre muitas. Ali são inumeros os brasileiros ocupando funções directivas.

O Dr. Luiz Lacombe, por exemplo, nosso patricio, é o chefe do Departamento de Expansão de Vendas e agora mesmo, no dia 6, pelo "Southern Cross" segue para os Estados Unidos, a serviço da General Electric.

Formado nos Estados Unidos, pela Universidade de Lehigh, do Estado da Pensylvania, o Dr. Luiz Lacombe ha quasi um decennio que ingressou na General Electric, tendo trabalhado na Baía e em Belo Horizonte, só se recomendando pela sua competencia e o seu extremado amor ao trabalho. E' po'is, um jovem brasileiro que honra as nossas novas gerações.

Os empurrões, os desafóros, as pancadas já iam dando seu ar de graça... A policia achou prudente acabar com aquêle prurido caritativo. E as pensões fecharam as portas; pelo menos as que prometiam distribuir dinheiro...

Já num tempo mais aproximado de hoje, tivemos os naturistas — um bloco de senhores que declararam guerra aos bois, ás galinhas, aos porcos, resolvendo só ingerir verduras e frutas. Muito bem! Nada de extraordinário! O que, entretanto, constituiu a nota pitoresca do "partido radical vegetariano" — o P. R. V. — foi a indumentaria: — Como não podiam andar nus, (o nudismo ainda não chegou pelo Brasil) metiam-se nuns balaandras brancos, de alpercatas, sem chapéu, com uma cestinha cheia de bananas, goiabas, cajús para o lunch...

Duraram pouco.

No Recife de antigamente o fato mais sensacional talvez tenha sido, no genero, o do salto da morte. Interessou e entusiasmou a todo mundo, maximé porque se revestisse de uma dó-

(Conclue no proximo numero)

PARA TODOS...

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

(ANTIGA SACHET)

TELEPHONE 4-5325

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

<i>Introdução à Sociologia Geral</i> , obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) Broch.	16\$000
A mesma obra (Encadernada)	20\$000
<i>Tratado de Anatomia Pathologica</i> , de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Prof. da cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Broch.	35\$000
A mesma obra (Encadernada)	40\$000
<i>Tratado de Ophthalmologia</i> , volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25\$000 enc.	30\$000
<i>Tratado de Ophthalmologia</i> , volume 1º, tomo 2º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Tratado de Therapeutica Clinica</i> , volume 1º por Vieira Romeiro (Dr.) Broch. 30\$000, enc.	35\$000
<i>Tratado de Therapeutica Clinica</i> . Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º vol. Broch. 25\$000, enc. ..	30\$000
<i>Siderurgia</i> . F. Labouriau (Dr.) Broch. 20\$, enc.	25\$000
<i>Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro</i> P. de Miranda (Dr.) Broch. 25\$000, enc.	30\$000
Amoroso Costa — <i>Idéas Fundamentais da Mathematica</i> . Broch. 16\$000, enc.	20\$000
Otto Rothe — <i>Chimica Organica</i> — 1º Vol. tomo 1º, 20\$000, enc.	25\$000
F. Moura Campos — <i>Manual Pratico de Physiologia</i> , Broch. 20\$000, enc.	25\$000
P. Miranda — <i>Tratado dos Testamentos</i> , 1º Vol. Broch. 25\$000, enc. 30\$000, 2º Vol. Broch. 25\$000, enc.	30\$000
C. Pinto — <i>Parasitologia</i> , 1º Vol. Broch. 30\$000, enc. 35\$000, 2º Vol. Broch. 30\$000, enc.	35\$000

EDIÇÕES A VENDA

<i>Cruzada Sanitaria</i> , discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) Broch.	5\$000
<i>Annel das Maravilhas</i> , contos para crianças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira, Broch.	2\$000
<i>Cocaina</i> , novella de Alvaro Moreyra, Broch.	4\$000
<i>Perfume</i> , versos de Onestaldo de Pennafort. Broch.	5\$000
<i>Botões Dourados</i> , chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. Broch.	5\$000
<i>Leviãna</i> , novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, Broch.	5\$000
<i>Alma Barbara</i> , contos gaúchos de Alcides Maya, Broch.	5\$000
<i>Problemas de Geometria</i> , de Ferreira de Abreu, Broch.	3\$000
<i>Caderno de Construções Geometricas</i> , de Maria Lyra da Silva, Broch.	2\$500
<i>Chimica Geral</i> , Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J. 3ª edição (Cart.)	6\$000
<i>Um anno de cirurgia no sertão</i> , de Roberto Preire (Dr.) Broch.	18\$000
<i>Promptuario do imposto de consumo de 1925</i> , de Vicente Piragibe, Broch.	6\$000
<i>Ações Civicas</i> , de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.)	5\$000
<i>Como escolher uma boa esposa</i> , de Renato Kehl (Dr.) Broch.	4\$000
<i>Humorismos innocentes</i> , de Areimor, Broch.	5\$000
<i>Toda a America</i> , versos de Ronald de Carvalho, Broch.	8\$000
<i>Indice dos Impostos para 1926</i> , de Vicente Piragibe, Broch.	10\$000

<i>Questões praticas de Arithmetica</i> , obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, Broch.	10\$000
<i>Formulario de Therapeutica Infantil</i> , por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição augmentada, enc.	20\$000
<i>Chorographia do Brasil</i> para o curso primario, pelo Prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) (Cart.)	10\$000
<i>Theatro do "O Tico-Tico"</i> — cançonetes, farças, monologos, duettos, etc., para crianças, por Eustorgio Wanderley	6\$000
<i>O orçamento</i> — por Agenor de Roure, Broch. ..	18\$000
<i>Os Feriados Brasileiros</i> , de Reis Carvalho, Broch.	18\$000
<i>Desdobramento</i> — Chronicas de Maria Eugenia Celso, Broch.	5\$000
<i>Circo</i> , de Alvaro Moreyra, Broch.	6\$000
<i>Canto da Minha Terra</i> , 2ª edição. O. Marianno	10\$000
<i>Almas que soffrem</i> . E. Bastos, Broch.	6\$000
<i>A Boneca vestida de arlequin</i> . A. Moreyra, Broch.	6\$000
<i>Cartilha</i> . Prof. Clodomiro Vasconcellos	1\$500
<i>Problemas de Direito Penal</i> . Evaristo de Moraes, Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Problemas e Formulario de Geometria</i> . Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza	6\$000
<i>Grammatica latina</i> , de Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição, Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Primeiras noções de latim</i> , de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) no prelo	
<i>Historia da Philosophia</i> , de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc.	12\$000
<i>Curso de lingua grega</i> , Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.)	10\$000
<i>Grammatica da lingua hespanhola</i> , obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, Broch.	7\$000
Candido Borges Castello Branco (Cel.), <i>Vocabulario Militar</i> (Cart.)	2\$000
<i>Chimica elemental</i> , problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart.)	4\$000
<i>Problemas praticos de Physica elemental</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 2º. Broch.	2\$500
<i>Problemas praticos de physica elemental</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 3º. Broch.	2\$500
<i>Primeiros passos na Algebra</i> , pelo Professor Othello de Souza Reis (Cart.)	3\$000
<i>Geometria</i> , observações e experiencias, livro pratico, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva (Cart.)	5\$000
<i>Accidentes no trabalho</i> , pelo Dr. Andrade Bezerra. Brochura	1\$500
<i>Esperança</i> — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), Broch.	8\$000
<i>Propedeutica obstetrica</i> , por Arnaldo de Moraes (Dr.), 3ª edição, Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Exercicios de Algebra</i> , pelo Prof. Cecil Thiré Broch.	6\$000
Miranda Valverde — <i>Evoluções da Escripita Mercantil</i>	15\$000
Moraes — <i>Sã Maternidade</i>	10\$000
Celso Vieira — <i>Anchieta</i>	16\$000
Wanderley — <i>Album Infantil</i>	6\$000
Anesi — <i>Physiologia Cellular</i>	8\$000
Alvaro Moreyra — <i>Adão e Eva</i>	8\$000
A. Magne — <i>Selecta Latina</i> , Broch. 12\$000, enc.	15\$000
Renato Kehl — <i>Livro do chefe de Família</i> , enc.	25\$000
Heitor Pereira, <i>Anthologia de Autores Brasileiros</i>	10\$000
<i>Problemas praticos de Physica elemental</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 1º. Broch.	3\$000

Móveis finos, Tapeçarias e Decorações em geral



65-RUA DA CARIOCA-67-RIO

